

A ESCOLA VIVA

L 11

Aritmética
Geral

pele Professor

AFRO DO AMARAL FONTOURA

2.^a EDIÇÃO


Editora Aurora

A ESCOLA VIVA

Didática
Geral

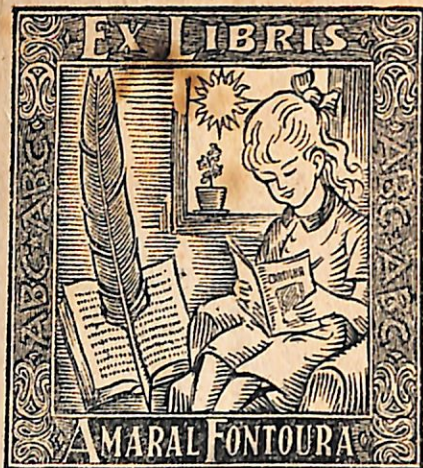
AFRO DO pelo Professor
AMARAL FONTOURA

2.^a EDIÇÃO


Editora Aurora

2017
7/20/17
5/17

**DIDÁTICA
GERAL**



BIBLIOTECA DIDÁTICA BRASILEIRA
Série I — A ESCOLA VIVA — Vol. 9.º
SOB A DIREÇÃO DO PROF. AMARAL FONTOURA

Afro do Amaral Fontoura

Didática Geral

2.ª EDIÇÃO

1963

GRÁFICA EDITORA AURORA, LTDA.
Rua Vinte de Abril, 16 — C. Postal, 140-06
RIO DE JANEIRO, GB. - ZC 86

OBRAS DE AMARAL FONTOURA:

I) PARA A "BIBLIOTECA DIDÁTICA BRASILEIRA":

1. Volume 1.º:
"FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO"
(um volume de 366 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1949 3.ª edição — 1954 5.ª edição — 1960
2.ª edição — 1952 4.ª edição — 1957 6.ª edição — 1963
2. Volume 2.º:
"SOCIOLOGIA EDUCACIONAL"
(um volume de 405 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1951 4.ª edição — 1956 7.ª edição — 1960
2.ª edição — 1953 5.ª edição — 1957 8.ª edição — 1962
3.ª edição — 1954 6.ª edição — 1959 9.ª edição — 1963
3. Volume 3.º:
"METODOLOGIA DO ENSINO PRIMÁRIO"
(um volume de 460 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1955 4.ª edição — 1958 7.ª edição — 1961
2.ª edição — 1957 5.ª edição — 1959 8.ª edição — 1962
3.ª edição — 1957 6.ª edição — 1961 9.ª edição — 1963
4. Volume 4.º:
"PSICOLOGIA GERAL"
(um volume de 479 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1957 3.ª edição — 1960 5.ª edição — 1962
2.ª edição — 1958 4.ª edição — 1962 6.ª edição — 1963
5. Volume 5.º:
"PSICOLOGIA EDUCACIONAL"
(um volume de 496 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1958 3.ª edição — 1961 5.ª edição — 1963
2.ª edição — 1959 4.ª edição — 1961
6. Volume 6.º:
"DIDÁTICA ESPECIAL DA 1.ª SÉRIE"
(um volume de 88 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1958 2.ª edição — 1963
7. Volume 7.º:
"PRÁTICA DE ENSINO"
(um volume de 432 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1960 2.ª edição — 1962 3.ª edição — 1963
8. Volume 8.º:
"O PLANEJAMENTO NO ENSINO PRIMÁRIO"
(um volume de 340 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1958 2.ª edição — 1963
9. Volume 9.º:
"DIDÁTICA GERAL"
(um volume de 554 páginas). Editôra Aurora; Rio.
1.ª edição — 1961 2.ª edição — 1963

10. Volume 10:
"MANUAL DE TESTES"
(um volume de 436 páginas). Editora Aurora; Rio.
1.^a edição — 1960
- EM PREPARO:
- Volume 11.^o: "Novos Horizontes para a Educação Rural"
Volume 12.^o: "Organização e Administração da Escola Primária"
Volume 13.^o: "Nossa Experiência de Educação Rural"
Volume 14.^o: "Instituições Escolares"
Volume 15.^o: "Didática da Escola Normal"
- II) OUTRAS OBRAS DE AMARAL FONTOURA
11. "PROGRAMA DE SOCIOLOGIA" — Livraria do Globo;
Porto Alegre;
1.^a edição — 1940
2.^a edição — 1942
3.^a edição — 1943
4.^a edição — 1944
12. "O RURALISMO, BASE DA ECONOMIA NACIONAL" —
Rio, 1941.
13. "DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO BRASILEIRO" — Editora Globo; Porto Alegre, 1943 (Colaboração referente à Sociologia, Economia e Política).
14. "INTRODUÇÃO A SOCIOLOGIA" — um volume de 523 páginas; Editora Globo; Porto Alegre.
1.^a edição — 1948
2.^a edição — 1953
3.^a edição — 1955
4.^a edição — 1961
15. "O DRAMA DO CAMPO" — Edição da revista "Serviço Social"; São Paulo, 1949.
16. "INTRODUÇÃO AO SERVIÇO SOCIAL" — um volume de 512 páginas.
1.^a edição — 1950
2.^a edição — 1959
3.^a edição — 1961
17. "ASPECTOS DA VIDA RURAL BRASILEIRA" — (Premiada com o 1.^o lugar no concurso levado a efeito pelo Ministério da Agricultura). Um volume de 285 páginas; Edição oficial, 1950.
18. "A ATUALIDADE POLÍTICA BRASILEIRA A LUZ DA SOCIOLOGIA" (Aula Magna na Faculdade de Serviço Social do D. F.; Rio, 1955).
- EM PREPARO:
- "RETRATO VERDADEIRO DO BRASIL" (uma análise sociológica da realidade brasileira).
"TRATADO DE SOCIOLOGIA RURAL BRASILEIRA".
"EDUCAÇÃO DE BASE E CENTROS SOCIAIS RURAIS".
"O DRAMA DA CRIANÇA".
"O ANJO VERDE".

AOS PROFESSORES DO CEARÁ,

*Estado que,
vela fibra admirável de seus filhos,
é orgulho do Brasil
e exemplo para o mundo,
DEDICO ESTE LIVRO,
valorizado com duas páginas
de um de seus mais eminentes educadores,
o Prof. Filgueiras Lima.*

ORAÇÃO DA MESTRA

Prof. FILGUEIRAS LIMA

SENHOR! / Vós que fostes mestre, / porque muito
amastes, / Vós que sois o caminho, / a ver-
dade e a vida, / fazei que em amor a minha
alma se abraça, / ao transpor cada dia / os um-
brais de minha escola.

Quero ser para os meus gárrulos discípulos /
como o pelicano para os seus filhinhos. / Reza a
lenda / que esta ave prodigiosa / — ave da dedi-
cação e da renúncia / — alimenta os seus peque-
ninos rebentos / com o próprio sangue, / a própria
vida. / Mata-se lentamente / para que eles vivam,
e cresçam, / e sejam fortes e felizes. / Amor de
pelicano / é também este amor pedagógico da
professôra pelos seus alunos, / tão grande e tão
puro amor / que não visa à correspondência afe-
tiva / nem à compensação material. / Amor que
se contenta com a ventura que aos seres inocentes
proporciona / e concede, / com abrir-lhes os olhos
e o espírito para as maravilhas da ciência, / as
belezas do mundo e os mistérios da eternidade.

Senhor! / Bem sei que não sou bastante hu-
milde, / e carinhosa, / e compreensiva, / e paciente, /
e generosa, / e doce, / para seguir o exemplo que
nos destes / naquele dia em que um bando vivaz

*de meninos errados vos cercou e envolveu, / to-
mando-vos o passo, / quando estáveis a caminho
de Jerusalém! — "Deixai vir a mim as crian-
ças". / Como uma música extraterrena, / esta
frase brotou do vosso humano coração divino...*

*Fazei que o eco destas palavras sacrossantas, /
rompendo o espaço e o tempo, / embale constan-
temente o meu espírito, / a minha consciência e
o meu coração de educadora. / Na obra de for-
mação moral e mental da infância, / ajudai-me
a ter sempre em vista / o lado criador do meu
esforço cotidiano, / para que sinta e compreenda /
que em cada um dos meus discípulos / eu devo
deixar um pouco de mim mesma. / E que nunca
mais, pela vida em fora, / possa romper os laços
afetivos e morais que a eles me prendem, / como
cadeias de ouro, mas sempre cadeias.*

*Ainda que me tentem os ouropéis da glória, /
o fausto da riqueza, / e o orgulho das posições
eminentes / — dai-me forças para vencer a tudo
e a todos, / mantendo-me / intransigentemente /
fiel ao ideal a que me consagrei, / debaixo das
Vossas bênçãos, / com o pensamento em Vós, /
para servir-Vos, / ó meu Mestre, / meu Guia e
meu Senhor!*

ÍNDICE

PLANO DESTA LIVRO:

- I) **O Professor:** importância, atributos.
- II) **Pedagogia e Didática.** Campo da Didática.
- III) **Escola Nova e Educação Renovada.**
- IV) **Os Métodos Didáticos.** Processos, formas e modos. Individualizados e socializados.
- V) **O Ciclo Docente**

}	Planejamento
	Direção da aprendizagem
	Contrôle da aprendizagem.
- VI) **Planejamento:** plano de curso, unidade, aula.
- VII) **Direção da Aprendizagem:** Motivação — Apresentação da matéria — Fixação da aprendizagem.
- VIII) **Contrôle da Aprendizagem:** Sondagem — Manejo de classe — Verificação e retificação da aprendizagem.

	Pág.
Obras de AMARAL FONTOURA	V
Dedicatória	VII
Oração da Mestra	IX
Índice	XI
Apresentando a Biblioteca Didática Brasileira	XXI
Introdução	1

UNIDADE I

O PROFESSOR

CAPÍTULO I — Importância do professor
— Seus atributos fundamentais.

Que é ser professor — O professor e o educador — Requisitos do educador — Requisitos do professor — Ficha de avaliação do professor — Qualidades físicas, intelectuais e morais do professor — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares

§ § Pág.

1/8 9

CAPÍTULO II — Formação profissional para o magistério.

O ensino no Brasil antigo — O preparo dos professores primários — Formação profissional do mestre — Importância dos estágios — A Escola de Aplicação — A vida na Escola Normal — Um exemplo de renovação pedagógica: A Escola Normal Rural da Fazenda do Rosário, em Belo Horizonte — O Clube Psico-Pedagógico — A Escola Normal Rural — Vocação para o magistério — Cursos de Treinamento — Cursos de Administração Escolar e Orientação Educacional — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares

9/22 35

CAPÍTULO III — A carreira do professor:
Como é e como deveria ser.

Como é a carreira do professor primário — Como deveria ser a carreira do educador: Professor, Coordenador, Diretor, Supervisor e Técnico de Educação — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares

23/26 65

UNIDADE II

PEDAGOGIA E DIDÁTICA

CAPÍTULO IV — Conceito e objeto da Pedagogia e da Didática. Didática geral e especial.

Como surgiu a Pedagogia — A Pedagogia e as Ciências Pedagógicas — Pedagogia e Didática — Conceito de Didática — O ENSINO E A APRENDIZAGEM. — Os dois conceitos de aprendizagem — Pseudo-aprendizagem e aprendizagem autêntica — Sabia tudo e não sabia nadar... — O autodidatismo — Objeto da Didática — Divisão da Didática — Campo da Didática Geral — Campo da Didática Especial — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares

§ § Pág.

27/41 81

UNIDADE III

ESCOLA NOVA E EDUCAÇÃO RENOVADA

CAPÍTULO V — Conceito de Escola Nova

A Escola fora do tempo — A disciplina e o programa — O aparecimento da Escola Nova — Educação integral — A revolução copernicana — Sentido vitalista — Educação como socialização — Escola democrática e progressiva — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares

42/48 109

CAPÍTULO VI — Conceito de Escola Ativa.

A expressão "Escola Ativa" — Escola Nova e Escola Ativa — Problema de fins e de meios — Conceito de atividade — Educação Funcional — A prática da atividade — Os princípios da Escola Ativa — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares

49/58 137

	§§	Pág.		§§	Pág.
CAPÍTULO VII — A Educação Renovada e a Escola Viva.					
Alguns exageros da Escola Nova — Nem "Antiga" nem "Nova": "Renovada" — Conceito de Educação Renovada — A diferença filosófica — A diferença no papel do mestre — A diferença religiosa — O novo e o antigo — Conceito de Escola Viva — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares	59/64	159			
CAPÍTULO VIII — O MOVIMENTO DAS ESCOLAS NOVAS NO MUNDO E NO BRASIL.					
1.ª PARTE: Inglaterra e Alemanha					
Iasnaia-Poliana: o início.					
INGLATERRA: Sanderson — Reddie — Badley.					
ALEMANHA: Lietz — Wyneken — Geheeb — Kerschensteiner.	66/67	173			
CAPÍTULO VIII-A — O MOVIMENTO DAS ESCOLAS NOVAS NO MUNDO E NO BRASIL.					
2.ª PARTE: França, Bélgica, Suíça, Itália, Espanha e Rússia.					
1) FRANÇA: Desmolins, Cousinet.					
2) BÉLGICA: Decroly.					
3) SUÍÇA: Rousseau — Pestalozzi — Ferrière — Claparède — Bovet — Helena Antipoff.					
4) ITÁLIA: Dom Bosco — Montessori.					
5) ESPANHA: Joaquim Costa — Padre Manjon — A literatura pedagógica.					
6) RÚSSIA: Lunatscharsky.	68/73	191			
CAPÍTULO VIII-B — O MOVIMENTO DAS ESCOLAS NOVAS NO MUNDO E NO BRASIL.					
3.ª PARTE: Estados Unidos e Brasil.					
1) ESTADOS UNIDOS: Dewey — Kilpatrick — Bispo SPALDING — Thorndike — Washburne — Parkhurst.					
2) BRASIL: "O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova" — A A.B.E. — Backheuser — Fernando — Lourenço — Anísio. Outros vultos.					
TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares	74/79	209			
UNIDADE IV					
OS MÉTODOS DIDÁTICOS					
CAPÍTULO IX — O Método e os métodos.					
Conceito de método — Conceito de Metodologia — Valor do método na vida — Que é ser didático — Os métodos pedagógicos — A maiêutica de Sócrates e o diálogo de Platão — A letra, com sangue, entra — Classificação dos métodos — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares.				80/83	225
CAPÍTULO X — Processos, formas e modos de ensino.					
I) PROCESSOS DE ENSINO: Processos indutivos: análise, intuição, observação, exemplificação. A marcha da indução. Processos dedutivos: síntese, demonstração, esquema, repetição, diagrama.					
II) FORMAS DE ENSINO: expositiva e interrogativa. Debate, jogos, pesquisas, experiências, dramatizações, instituições escolares. Importância da Educação Visual.					

	§§	Pág.
III) MODOS DE ENSINO: individual, simultâneo, mútuo e misto. TÓPICOS PARA DEBATE. Leituras complementares	84/86	247
CAPÍTULO XI — Os Métodos Ativos: 1.º) Métodos individualizados		
Conceito de método ativo — Diferença entre métodos tradicionais e ativos — O Método Montessori — O Método Dalton — O Método Winnetka — O Método Mackinder — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares	87/93	271
CAPÍTULO XII — Os Métodos Ativos: 2.º) Métodos Socializados		
Conceito de método socializado — Vivemos num mundo socializado — O método de equipe — O método Cousinet — O método de Iena — O método Decroly — O método de projetos — O método de problemas — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares	94/104	281
CAPÍTULO XXIII — Os Métodos Ativos: 3.º) Métodos Mistos. Atividades dos Alunos		
Conceito de métodos mistos — O método de discussão — Temas para discussão — Importância do mestre no debate — O método de jogo — A competição no quadro negro — O método de estudo dirigido — O método de plano de trabalho — O método de Thayer — Comentário sobre os métodos ativos — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares	105/115	301

	§§	Pág.
UNIDADE V		
O CICLO DOCENTE: 1.ª FASE — PLANEJAMENTO DO ENSINO.		
CAPÍTULO XIV — Plano de Curso e Plano de Aula.		
Conceito de planejamento — O planejamento didático — O plano de aula — A lição e a aula — Como organizar um plano de aula — O plano de curso — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares.	116/123	327
CAPÍTULO XV — O Plano de Unidade e Plano de Trabalho.		
Conceito de unidade — O plano de trabalho — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares	124/127	341
UNIDADE VI		
O CICLO DOCENTE: 2.ª FASE — DIREÇÃO DA APRENDIZAGEM		
CAPÍTULO XVI — O Problema da Motivação na Escola Viva.		
Conceito de motivo — Os motivos na escola velha — Conceito de motivação — Esforço, interesse e motivação — Diferença entre motivos e incentivos — Fontes de motivação — A maior fonte de motivação: o prazer — Importância da personalidade do mestre na motivação — Tipos de motivação: interna e externa — intrínseca e extrínseca — positiva e negativa — As técnicas da motivação — Ensino ocasional — A vida do aluno como motivação — Prêmios e recompensas — Motivações negativas: castigos e ameaças — TÓPICOS PARA DEBATES — Leituras complementares	128/138	349

	§§	Pág.
CAPÍTULO XVII — Apresentação da Matéria.		
Não se aprende por ouvir dizer — A exposição oral do professor serve apenas para introduzir a matéria.	139	385
CAPÍTULO XVIII — Uso da Linguagem Didática.		
Importância da linguagem — Conceito de linguagem didática — Caracteres da mesma — Função educativa do mestre — A LIÇÃO UMA OBRA DE ARTE (Prof. Filgueiras Lima).	140/146	391
CAPÍTULO XIX — Emprêgo dos Meios Didáticos na Escola Tradicional.		
Conceito de Meios Didáticos ou Formas de Ensino — A exposição didática — A demonstração didática — O interrogatório didático.	147/152	401
CAPÍTULO XX — Emprêgo dos Meios Didáticos na Escola Viva.		
O trabalho pessoal do aluno — Importância do trabalho socializado — O diálogo — O debate — A pesquisa — Os jogos — As experiências — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares.	153/161	419
CAPÍTULO XXI — O Material Didático.		
Conceito de material didático — Seu valor — O mobiliário escolar — O material fabricado na própria escola — A sala-oficina — Uso do quadro-negro — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares.	162/167	443

	§§	Pág.
CAPÍTULO XXII — Fixação da Aprendizagem.		
Conceito de fixação da aprendizagem — Histórico do problema — Condições psicológicas — Leis da aprendizagem — Fatores que condicionam a aprendizagem — Fatores provenientes do meio ambiente, do mestre e do aluno — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares.	168/175	457
CAPÍTULO XXIII — Técnicas de Fixação da Aprendizagem.		
Os exercícios ou tarefas — O estudo dirigido — O caderno dirigido — A recapitulação — A recapitulação diária — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares.	176/182	467
UNIDADE VII		
O CICLO DOCENTE: 3.ª FASE — CONTRÔLE DA APRENDIZAGEM		
CAPÍTULO XXIV — Sondagem e Manejo de Classe.		
Conceito de controle da aprendizagem — Sondagem: de que consta a sondagem — Classificação dos alunos — Manejo da classe — O problema da disciplina — Tipos de manejo de classe — TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras complementares.	183/192	481
CAPÍTULO XXV — Verificação e Retificação da Aprendizagem — 1.º) As provas Clássicas.		
Conceito de verificação da aprendizagem — Sua importância — Verificação e não exame — A retificação da aprendizagem		

BIBLIOTECA DIDÁTICA BRASILEIRA

m — A prova escrita — A prova oral —
TÓPICOS PARA DEBATE — Leituras com-
plementares.

§ § Pág.
193/201 497

CAPÍTULO XXVI — Verificação e Retifi-
cação da Aprendizagem — 2.º) As Pro-
vas Objetivas.

Conceito de prova objetiva — Tipos de
provas objetivas — Princípios a que devem
obedecer — As provas mistas e suas van-
tagens — TÓPICOS PARA DEBATE — Lei-
turas complementares.

202/207 511
— 523

BIBLIOGRAFIA GERAL

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Página	Fig. N.º	Assunto
118	1	Escola antiga (Programa de ensino) e Escola nova (Aluno).
287	2	Esquema de "centro de interesse".
306	3	Escola clássica ("pontes" sucessivos) e Escola moderna ("unidades didáticas").
344	4	Exemplo de "unidade de ensino".
379	5	Gráfico da Turma.
428	6	A Pesquisa nos seus três graus de âmbito crescente.
447	7	Disposição da classe à moda antiga.
448	8	Disposição da classe segundo a didática renovada.
448	9	Classe com cartelas-mesinhas agrupadas segundo as necessidades do trabalho em equipe.
454	10	Uso incorreto do quadro-negro.
455	11	Correta utilização do quadro-negro.
478	12	Dois tipos de seguimento das aulas: aulas estanques e aulas articuladas.

De regra geral, quase todos os nossos educadores sentem a necessidade de uma Renovação Educacional no país, que torne a escola mais viva, mais dinâmica, mais ligada à realidade e faça com que seus alunos saiam mais capacitados a trabalhar pelo progresso nacional.

Se isso é verdade em todos os graus de ensino, particularmente o é no Ensino Normal. Com efeito, se pretendemos renovar o Brasil, criar melhores condições de vida para o nosso povo, temos que educar esse povo. E para educar melhor, temos que preparar professores cada vez mais eficientes e interessados na solução do problema.

Não há exagero em afirmar que nas mãos do professor primário reside uma das maiores esperanças de dias melhores para o Brasil. Daí a alta responsabilidade das nossas Escolas Normais — as escolas que formam tais professores.

Uma das maiores dificuldades, porém, com que as Escolas Normais têm lutado, para a consecução de seu objetivo, é a falta de livros dentro desse espírito de Educação Renovada. Apesar de toda boa vontade dos diretores e professores das Escolas Normais, é quase impossível fazer renovação usando livros antiquados, fora de fase. É difícil fazer escola ativa com livros cheios de teorias, mas muito pouco práticos. A maioria (claro que há honrosas exceções) das obras existentes não permite tal renovação.

Eis por que foi criada a "Biblioteca Didática Brasileira": ela se destina a ser uma coleção de livros escritos especialmente para o Ensino Normal e dentro desse espírito renovador, objetivo, prático.

Para ter a certeza de atingir tais objetivos, a Editora Aurora entregou a direção da "Biblioteca Didática Brasileira" a um dos educadores mais categorizados no assunto: o professor Amaral Fontoura, reputado Técnico de Educação, que há muitos anos se vem batendo por essa renovação no Ensino Normal. Professor de várias Faculdades — bem como da notável Universidade Católica do Rio de Janeiro — delegado do governo junto a várias Escolas Normais, professor de inúmeros cursos de aperfeiçoamento para professores, Amaral Fontoura consegue

reunir duas qualidades que raramente se encontram juntas: profundo conhecimento teórico da Pedagogia, ao lado de um admirável espírito prático, objetivo.

A "Biblioteca Didática Brasileira" é, assim, uma coleção de livros que não apenas ensinam o que se deve fazer, mas ao mesmo tempo mostram como se deve fazer. E tudo dentro de um espírito de grande equilíbrio, que fica equidistante da "escola velha" e dos exageros da "escola nova". O lema dos livros do prof. Amaral Fontoura pode ser "non novum sed novi", seguindo assim as próprias palavras do Papa Pio XI, quando diz "acolhendo, pois, o que é novo, (o mestre) terá o cuidado de não abandonar facilmente o antigo, demonstrado bom e eficaz pela experiência dos séculos".

Depois de publicar "Fundamentos de Educação" e "Sociologia Educacional" (que alcançaram grande êxito, tanto que já se encontram em 6.^a e 9.^a edição, respectivamente, apesar de tão recentes), a "Biblioteca Didática Brasileira" lançou "Metodologia do Ensino Primário" (já em 9.^a edição), "Psicologia Geral" (já em 6.^a edição), "Psicologia Educacional" (já em 5.^a edição), "Didática Especial da 1.^a Série", (já em 2.^a edição), "Prática de Ensino" (já em 3.^a edição), "O Planejamento no Ensino Primário", (agora em 2.^a edição) "Didática Geral" (agora já em 2.^a edição) e "Manual de Testes", todos de autoria do Professor Amaral Fontoura.

Diante da boa acolhida que tem recebido dos educadores brasileiros e do público em geral a BIBLIOTECA DIDÁTICA BRASILEIRA, resolvemos então estendê-la e publicar uma série completa de livros para todo o currículo das Escolas Normais.

Mas, com os aplausos que nos têm chegado por essa iniciativa, recebemos, igualmente, numerosos pedidos de publicação de material didático que esteja de acordo com os princípios da Educação Renovada, que norteiam esta Biblioteca. Mostram os educadores a dificuldade de se-haver livros, material de trabalho, jogos, cartazes, etc., todos, publicados em articulação com aqueles princípios e métodos.

Resolvemos, atendendo a êsses apelos dos educadores, subdividir a Biblioteca Didática Brasileira em 4 séries, dando-lhe a seguinte constituição:

Série I — "A escola viva":

(Livros especializados para o currículo das Escolas Normais):

- Vol. 1 — "Fundamentos de Educação" — (em 6.^a edição).
- Vol. 2 — "Sociologia Educacional" (em 9.^a edição).
- Vol. 3 — "Metodologia do Ensino Primário" (em 9.^a edição).
- Vol. 4 — "Psicologia Geral" — (em 6.^a edição).
- Vol. 5 — "Psicologia Educacional" — (em 5.^a edição).
- Vol. 6 — "Didática Especial da 1.^a série" — (em 2.^a edição).
- Vol. 7 — "Prática de Ensino" — (em 3.^a edição).
- Vol. 8 — "O Planejamento no Ensino Primário" — (em 2.^a edição).
- Vol. 9 — "Didática Geral" — (em 2.^a edição).
- Vol. 10 — "Manual de Testes".

Próximos volumes a aparecer:

- Vol. 11 — "Novos Horizontes para a Educação Rural".
- Vol. 12 — "Organização e Administração da Escola Primária".
- Vol. 13 — "Nossa Experiência de Educação Rural".
- Vol. 14 — "Instituições Escolares".
- Vol. 15 — "Didática do Ensino Normal".

Série II — "Legislação do Ensino e textos auxiliares":

- Vol. 1 — "Programas do Ensino Primário do Estado da Guanabara" — (em 2.^a edição).
- Vol. 2 — "Programas do Ensino Primário do Estado do Rio de Janeiro".
- Vol. 3 — "Programa Básico para o Curso Primário do Estado da Guanabara".
- Vol. 4 — "Diretrizes e Bases da Educação Nacional" (a Lei n.º 4.024, de 20/12/61 comentada e interpretada).

(continua)

Série III — "Livros texto para as crianças".

Vol. 1 — "Aventuras de Lalá e Loló" (Cartilha pelo método de palavrção).

Série IV — "Como aprender brincando..."
(material de ensino)

N.º 1 — Método de Educação Integral para a 1.ª série (Linguagem, Matemática, Conhecimentos Gerais, Educação Moral, Educação Cívica, Educação Artística, Educação Social, Trabalhos Manuais e Educação Física incluídos num só texto, totalmente articulado, através de uma história).

Introdução

Nossa Coleção, que se chama "A ESCOLA VIVA", deseja ser mesmo viva. Por isso, modificações que ocorram no currículo do Ensino Normal têm que repercutir imediatamente em nossas obras, para que estas se mantenham sempre em dia.

1.º) METODOLOGIA E DIDÁTICA

Sempre houve uma flutuação no conceito dessas duas palavras: Metodologia e Didática. Até bem pouco tempo atrás eram consideradas como sinônimas, tanto assim que a cadeira que tratava dos problemas de métodos de ensino se chamava "Metodologia" no currículo das Escolas Normais e a mesma cadeira tratando dos mesmos problemas, nas Faculdades de Filosofia, chamava-se "Didática".

Dividia-se a Metodologia nas Escolas Normais em duas partes: a Metodologia Geral, tratando dos problemas de métodos e formas de ensino, e a Metodologia Especial, dedicada à explanação dos métodos de cada matéria (Linguagem, Matemática, Ciências Sociais, etc.).

2.º) A DIDÁTICA COMO CADEIRA AUTÔNOMA

Surgiu recentemente um movimento no sentido de estender ao currículo do Ensino Normal a denominação usada nas Escolas Superiores, de Didática, para aquela primeira parte citada. Aplaudimos essa tendência e a

aceitamos imediatamente, porque, na realidade, Didática diz mais que Metodologia. Esta última, como indica seu próprio nome, trata apenas das questões de método, ao passo que a Didática, como direção da aprendizagem, pois tal é a sua correta definição, trata dos assuntos de método e de muitas outras cousas mais: o professor, o ciclo docente, apresentação da matéria, manejo da classe, fixação da aprendizagem, etc.

Em vários Estados brasileiros onde tal reforma tem sido decretada, ficou a nova cadeira autônoma de Didática na 2.^a série do Curso de Formação, continuando a parte especial na 3.^a série, com o antigo título de Metodologia. Em alguns Estados também a cadeira da 3.^a série recebeu o nome de Didática Especial (o que parece mais lógico, pois é apenas a continuação daquela da 2.^a série).

3.º) QUE É ESCOLA VIVA

Insistimos a cada momento nesta expressão: ESCOLA VIVA. Acreditamos mesmo que fomos nós quem a usamos pela primeira vez, há anos atrás. Nossa grande preocupação é trazer de volta a vida para dentro da escola.

Uma rápida explicação histórica facilitará ao leitor a compreensão do nosso conceito de ESCOLA VIVA:

Na Antiguidade não havia escola: os pais ensinavam diretamente aos filhos tudo aquilo que eles precisavam saber para viverem bem. Depois, com o correr dos tempos, a inteligência humana foi descobrindo cousas, criando a Ciência e a Técnica. A vida se foi complicando de tal maneira que já os pais não podiam dedicar-se ao mister de ensinar os filhos, ou já não sabiam fazê-lo adequadamente.

Surgiram, então, os primeiros "educadores" especializados: os pedagogos, escravos que tinham por obrigação ensinar os filhos de seus senhores. Mais tarde

apareceram os filósofos e os preceptores. As famílias de "gente bem" daquela época tinham um preceptor em casa, para educar-lhes os filhos. Quantos aos filósofos, ministravam suas aulas nas praças e nos jardins, ao ar livre.

Quando a vida se complicou ainda mais surgiu a escola, já na Idade Média, tal como a conhecemos hoje, dentro de um prédio, com o ensino dividido em matérias. Essas matérias eram então muito poucas: o trivium e o quadrivium. O trivium se compunha de Gramática, Retórica e Lógica. O quadrivium enfeixava a Aritmética, Geometria, Astronomia e Música.

Aos poucos a escola, fechada dentro de suas paredes, foi perdendo contato com a vida. E durante séculos a escola se mantinha mais ou menos igual a si mesma, ensinando quase as mesmas cousas, enquanto aqui fora a vida evoluía sem cessar, alterava-se, transformava-se cada vez mais rapidamente.

Chegamos, assim, ao século XX com uma escola em grande parte divorciada da vida. Muita cousa do que se ensina aos alunos, na escola, não tem finalidade, porque não apresenta correlação com a vida. E, o que é muito mais grave, numerosos problemas da vida não são ensinados aos alunos na escola.

Eis aí a explicação do sentido da nossa expressão A ESCOLA VIVA: queremos trazer de volta a vida para dentro da escola; desejamos fazer da escola um organismo onde se discutam os problemas da nossa vida de hoje e onde se preparem os alunos para viver melhor aqui fora.

É imprescindível e urgente que a escola não seja apenas o lugar onde se ensinam matérias, para ser sobretudo o lugar onde o aluno se prepara para a vida, através de experiências múltiplas e variadas, ricas de conteúdo, cheias de colorido e alegria. Tal é o nosso conceito de "Escola Viva".

4.º) A ESCOLA ANTIGA NÃO ERA MÁ

Muita gente tem perguntado se achamos que a Escola Antiga era assim tão má, pois estamos amiudadamente colocando em confronto as duas escolas, para "censurar" a antiga. Resposta: não, nós não achamos que a Escola Antiga fôsse má, mas sim que atualmente é má. Em outras palavras: achamos que a Escola Antiga era boa para seu tempo, para aquela época, aquela sociedade. Ela servia aos ideais de seu tempo.

Se nos perguntarem se aqueles chapéus de abas largas que as senhoras usavam antigamente eram maus, diremos que eram ótimos... para aquela época. Mas a vida mudou. — Como aceitar os imensos chapéus, numa época em que milhares de criaturas se comprimem nas ruas, nos ônibus, nos elevadores, nos cinemas, nas igrejas?

O que está errado é pretender manter hoje o tipo de escola que foi bom ontem, simplesmente porque a vida de hoje não é igual à vida de ontem, e a finalidade da escola é preparar para a vida.

5.º) IMPORTÂNCIA DO TRABALHO SOCIALIZADO

Dentro dos ideais da ESCOLA VIVA uma das reformas urgentes a empreender é a de substituir, em parte, o trabalho individualizado pelo trabalho socializado, isto é, pela atividade dos alunos em grupos, em equipes.

Nada menos de cinco razões militam em favor do trabalho socializado:

I) A vida humana significa vida em sociedade. O homem não existe isoladamente: vive em grupos, na família, na escola, no trabalho, na política, na igreja, nas diversões. Já ARISTÓTELES o proclamara: "o ho-

mem é um animal social". Então, o aluno deve adquirir o hábito de trabalhar "com os outros", através das atividades de grupo, na escola.

II) O brasileiro é por essência individualista. Não tem o sentido da colaboração muito desenvolvido. No entanto esse espírito social é indispensável para tornar os homens mais felizes. Em última análise esse espírito é a expressão do próprio princípio enunciado pelo CRISTO: — "amai-vos uns aos outros".

III) O trabalho em grupo ou equipe, na escola, desenvolve os sentimentos de coleguismo, de solidariedade, de auxílio ao próximo. Mas beneficia a cada um dos alunos, pela interação constante que ocorre no seio da equipe: cada um aproveita os conhecimentos, a inteligência, a experiência dos demais componentes do grupo.

IV) O trabalho em equipe é muito mais agradável e mais alegre. O estudo individual é profundamente monótono e fastidioso. Os próprios alunos já se haviam adiantado à Didática moderna, pois de longa data aprenderam a reunir-se para estudar, em vésperas de provas... O que propomos é que tais grupos não se limitem às ocasiões de exames, mas se transformem num método permanente de trabalho na escola. O trabalho em grupo rende mais, desde que dentro de normas prefixadas pelo professor, que evitem distorções, tais como o excesso de conversa, o desvio do assunto, as discussões estéreis.

V) Finalmente, o trabalho socializado não deve impedir o trabalho individual do aluno: podem ambos os métodos se alternarem, se o professor assim o desejar.

Trataremos do assunto, no decorrer deste livro (vide capítulo V, § 44 e capítulo XII, § 94) apresentando as formas práticas e os detalhes necessários para a execução do trabalho em equipe.

Outrossim, estamos preparando um livro especialmente dedicado a êsse moderno aspecto da educação: "O Trabalho em equipes na escola".

6.º) NECESSIDADE DO CLUBE PEDAGÓGICO

Não nos cansamos de insistir nesse ponto: é imprescindível que cada Escola Normal, cada Instituto de Educação, cada Faculdade de Filosofia possua o seu CLUBE PEDAGÓGICO, destinado a reunir os alunos para conversarem e discutirem sobre os temas educacionais (ver o que dizemos adiante, § 16).

O CLUBE PEDAGÓGICO é, aliás, uma das expressões do trabalho socializado a que acima nos referimos. Apresenta tôdas as vantagens enumeradas no item anterior. Estimula e desenvolve o amor pelos assuntos pedagógicos. Cria um ambiente de satisfação e alegria entre os alunos. Multiplica a capacidade dos jovens em matéria de Psicologia, Sociologia e Didática.

Entre as atividades que um CLUBE PEDAGÓGICO pode desenvolver sugerimos as seguintes:

I) *Palestras ou conferências de outros professores da Escola, além do professor-orientador do Clube;*

II) *Conferências de mestres de outras cidades ou Estados, cuja vinda o Clube pode promover (1).*

III) *Concursos entre os colegas, sobre temas educacionais;*

IV) *Reuniões ao mesmo tempo culturais e festivas com alunos de outras escolas;*

(1) NOTA — O "Clube Pedagógico Dom Bosco" da Escola Normal de São Mateus, no Espírito Santo, sob a eficiente orientação da Professora Miriana da Silva, promoveu importante seminário pedagógico, que empolgou a cidade durante 9 dias, e no qual se inscreveram nada menos de 90 professoras. O seminário funcionou sob a direção do Prof. Amaral Fontoura, especialmente convidado para êsse fim pelo Clube Pedagógico Dom Bosco. Tal promoção merece os nossos entusiásticos aplausos.

V) *Visitas e excursões a instituições culturais da cidade, bem como a seus pontos pitorescos;*

VI) *Publicação de um boletim ou jornalzinho;*

VII) *Ornamentação da sala de aula (ou sede do Clube) com retratos de educadores, sociólogos, psicólogos, bem como quadros, mapas, gráficos, etc., referentes a assuntos educacionais.*

VIII) *É possível ao Clube Pedagógico desenvolver também atividades esportivas e sociais, mostrando assim que o estudo dos assuntos os mais sérios não é incompatível com a alegria, o prazer sadio e a mentalidade moderna dos alunos, futuros educadores.*

O Clube Pedagógico deve ter um nome, um patrono escolhido entre os nomes de educadores do Brasil e do mundo (nunca nomes de políticos em evidência momentânea).

Gostaríamos muito que professores e alunos nos comunicassem a existência desses Clubes em suas Escolas, ou a fundação de novos, contando também suas atividades, para relacionamento em próxima edição de nossas obras.

Estamos sempre ao dispor, para esclarecer, orientar ou ajudar os CLUBES PEDAGÓGICOS, em tudo que fôr do nosso alcance.

Rio de Janeiro, 11 de maio de 1961.

Dia da Ascensão do Senhor

PROF. AMARAL FONTOURA

Atenção para o novo endereço:

Rua Santa Clara, 27, 11.º andar
Copacabana — Rio de Janeiro
Estado da Guanabara.

UNIDADE I
O PROFESSOR

CAPÍTULO I

*Importância do Professor: Seus
Atributos Fundamentais*

Ficha-resumo:

§ §

1. **Que é ser professor** — É ser idealista, não ter grandes ambições materiais, trabalhar pelos outros, pela felicidade alheia. Só há ensino quanto há aprendizagem. Se os alunos não aprenderam, o professor não é bom.
2. **Professor e educador** — Educar é formar a personalidade. "Formar" é mais importante que "informar". A conduta vale mais que os conhecimentos. Os 4-H: Head, Heart, Health, Hand. A educação ou é integral ou não é educação.
3. **Requisitos do educador** — a) Importância da vocação; b) Amor ao próximo; c) Tato pedagógico; d) Capacidade de compreender; e) Capacidade de formar o caráter; f) Educar é amar; g) DOM BOSCO e a "Pedagogia do Amor"; h) Importância da alegria.
4. **Requisitos do professor** — a) Pesquisa americana; b) Estudo brasileiro; c) Requisitos segundo AGUAYO: um homem inteligente e educado, possuindo certas qualidades e disposições, com um sólido preparo profissional.

(continua)

Ficha-resumo (conclusão):

§ §

5. **Ficha de avaliação do professor** (organizada por Amaral Fontoura):
- I) **Qualidades físicas:** saúde — audição — olhar — voz — porte — vestuário:
 - II) **Qualidades intelectuais:** inteligência — tato — bom senso — capacidade didática — conhecimento da língua — conhecimento da matéria — espírito de liderança — clareza — cultura geral.
 - III) **Qualidades morais:** espírito religioso — idealismo — amor à criança — bondade — espírito de justiça — boa conduta moral — entusiasmo — companheirismo — alegria — bom humor — autodomínio — paciência — espírito renovador — cortesia — finura — disciplina — obediência.
6. **Para o seu fichário:** Frases que merecem ser guardadas.
7. **Tópicos para debate em classe.**
8. **Bibliografia especial para este capítulo.**

§ 1.º) QUE É SER PROFESSOR

1.1) **CONCEITO DE PROFESSOR** — Professor nem sempre é sinônimo de *educador*. Professor é aquele que ensina (isto é, que ensina as matérias do programa: Matemática, Português, Geografia). Educador é aquele que, além de ensinar as matérias, cuida da personalidade do educando. É possível o indivíduo ser um bom professor de Matemática e não ser um bom educador: cuidar só dessa ciência e não se ocupar com a formação espiritual e moral do aluno. Aqui, nestas linhas, tratamos apenas do professor. Mais adiante falaremos do educador.

1.2) **A VOCAÇÃO.** — Cada profissão exige certas qualidades, dos indivíduos que a exercem. Claro que cada pessoa acha “a sua” profissão uma das mais difíceis de ser desempenhada. Basta conversar com um médico ou um vendedor de rua, com um policial ou um operário e ver-se-á cada qual afirmar que “não é qualquer um que pode abraçar esta profissão, não senhor”.

E todos têm razão: cada ofício apresenta seus segredos e dificuldades. “É preciso ter jeito”, como diz o povo, para realizá-lo a contento. Faz-se mister a *vocação*, dizem os técnicos.

Talvez não haja, no entanto, no mundo, profissão que mais exija *vocação* do que a de professor. E talvez não exista nenhuma profissão onde menos se haja exigido que o candidato tenha essa *vocação*!

1.3) SEM AMBIÇÕES. — Ser professor é, preliminarmente, não possuir grandes ambições materiais, porque o magistério, em todo mundo, é uma carreira mal remunerada, sobretudo o magistério primário (salvo raríssimas exceções).

1.4) IDEALISMO. — Ser professor, em primeiro lugar, portanto, é ser *idealista*, é estar disposto a viver por um ideal. E que alto ideal: o de trabalhar pelo bem da infância, pela felicidade alheia. Ser professor é trabalhar pelo engrandecimento da Pátria brasileira!

1.5) DIDÁTICA. — Em segundo lugar, ser professor não é apenas conhecer a matéria a lecionar: antigamente se acreditava que um bom geógrafo seria bom professor de Geografia, que todo engenheiro lecionaria bem Matemática, que todo padre dava um bom professor de Latim... Não. Acima de tudo, ser professor é saber *transmitir*, é saber ensinar, é saber despertar o interesse de seus alunos pela matéria. É saber tornar suas aulas atraentes. É ter método de trabalho, saber dosar a matéria, explicar de tal maneira que todos entendam. A isso tudo é que se chama ter *didática*, ser *didático*. Se o professor não possui tal capacidade, ele não é *professor*. Pode lecionar, sim, mas não merece o título de professor. (Vide o que dizemos também no § 5.2.)

1.6) ENSINO E APRENDIZAGEM. — “O dr. João é bom professor. Os alunos não aprendem por que são vadios mesmo”. Esta frase é completamente falsa; seria o mesmo que dizer: “Fulano é bom motorista, só não consegue é guiar bem um carro”. Se o professor não *ensina bem*, não é professor. E como sabemos se ele *ensina bem*? Pelos resultados que alcança, pelo preparo de seus alunos. Pela *aprendizagem da turma a seu cargo*. Se um aluno ou dois, na turma, não aprenderam, a

culpa pode ser deles, ou não ser de ninguém: ser da natureza, que não lhes deu inteligência suficiente... Mas se a maioria não aprende, então não há dúvida nenhuma de que é o professor que não sabe interessar seus alunos, que não sabe ensinar. Se os alunos não *aprendem*, o professor não é professor. Em suma: só há *ensino* quando há *aprendizagem* (vide também § 32).

§ 2.º) PROFESSOR E EDUCADOR

2.1) QUE É EDUCADOR. — A diferença entre *professor* e *educador* não deverá existir. Todo professor deverá ser um educador. Quando a Educação tiver atingido regular grau de perfeição, não haverá diferença entre professor e educador. *Educador* é aquele que educa. E como veremos no capítulo seguinte, educar não é ensinar: é formar a personalidade do aluno. Educar é preparar o indivíduo *integralmente* para a vida: preparar-lhe o corpo e o intelecto, o cérebro e o coração, e ainda, prepará-lo para viver em sociedade, para ser um membro da grande sociedade humana, e, especialmente, para ser útil à sua comunidade e à sua Pátria.

No entanto, salientemos que essa “preparação para a vida” não se faz em separado da própria vida. O fenômeno educativo não é como uma viagem. por exemplo, em que preparamos a bagagem hoje para viajar amanhã. A vida é uma viagem constante, desde o dia em que nascemos, em direção a objetivos que só Deus sabe. E temos que nos preparar enquanto viajamos.

Em outras palavras: a educação é inseparável da vida. Não podemos nos educar hoje para viver amanhã. Educação é vida. A educação se faz através da vida (vide “Vitalismo na educação”, § 44.4).

2.2) CONHECIMENTO E CONDUTA. — O educador cuida da *alma* do aluno. Preocupa-se mais em “formar a personalidade” do que em “transmitir conhe-

cimentos". Em outras palavras, *formar* é mais necessário que *informar*. Aquilo que *somos* é muito mais importante do que aquilo que *sabemos*. Podemos *saber* muita coisa, Português, Matemática, Ciências, e não sabermos *usar* essa instrução. Ou, o que é pior, usá-la mal. O indivíduo pode possuir muitos conhecimentos e ter uma conduta má, reprovável, na vida com os seus semelhantes. *A conduta* vale mais que os *conhecimentos*.

2.3) OS 4-H. — O ideal, evidentemente, é que haja um desenvolvimento harmônico do indivíduo, que ele tenha bons conhecimentos (ou boa *instrução*, como se diz) e boa conduta. Por isso, a definição de educação sempre se refere à educação *integral*. Os americanos dizem que "educar é formar os 4-H" (os 4-H são as iniciais das palavras *head* — *heart* — *health* — *hand*, ou seja, cabeça, coração, saúde, mão). Isso significa que a educação deve cuidar do *cérebro* (preparo intelectual, instrução, ensino), do *coração* (formação dos sentimentos, caráter, conduta), da *saúde* (cuidados com o corpo, alimentação, higiene) e da *mão* (desenvolver o gosto pelo trabalho; cuidar muito dos trabalhos manuais, das atividades de campo e de oficina).

O educador, portanto, é aquele que cuida de todos esses aspectos da vida do aluno. Não esqueçamos jamais esta afirmação:

A educação ou é integral ou não é educação.

Ora, tenhamos a coragem de ser sinceros e verdadeiros: no estado atual da educação no Brasil, ainda faltam recursos para educar, faltam muitas escolas e falta material para as escolas existentes. Falta apoio moral e administrativo para a obra do educador. Faltam professores que tenham os requisitos necessários para serem educadores. Basta lembrar que dos 200.000 pro-

fessôres primários (1) em exercício no país, 46%, ou sejam 93.000, não são preparados para a profissão, não têm nem curso primário completo!

Vamos, portanto, contentar-nos em desejar que, por enquanto, os professores sejam apenas *bons professores*, e, é claro, *educadores* também, sempre que for possível.

§ 3.º) REQUISITOS DO EDUCADOR

Quais serão os requisitos necessários para que o indivíduo possa ser bom educador? Muito se tem escrito, para responder a essa pergunta, desde o clássico livro de KERSCHENSTEINER, "El Alma del Educador", magnífica obra, cheia de sabedoria e encantamento, até o recente volume de BACKHEUSER, "O Professor" (vide abaixo "Nota Prática" n.º 1).

NOTA PRÁTICA N.º 1

O professor e seus atributos

Para que o leitor possa estudar melhor esse problema — "O professor e seus atributos" — recomendamos a leitura dos seguintes livros:

1. KERSCHENSTEINER — "El Alma del Educador". Editorial Labor; Barcelona, 1928.
2. BACKHEUSER, Everardo — "O professor"; Editora Agir; Rio, 1946.
3. SANTOS, Teobaldo Miranda — "Manual do Professor Primário", Cia. Editora Nacional; São Paulo, 1948 (Capítulo I — "O professor primário").

(1) Dados do "Anuário Estatístico do Brasil", Ano de 1960.

3.1) **IMPORTANCIA DA VOCAÇÃO.** — O grande pedagogo KERSCHENSTEINER (1854/1932), cuja obra resumimos a seguir, começa por salientar a importância da *vocação*, na carreira do professor, mostrando que o indivíduo cuja estrutura psíquica não possuir determinados traços, jamais deverá seguir essa carreira: êle não será bom professor nem que o queira, visto que não depende dêle, mas do seu temperamento, da sua constituição psíquica, elementos que estão completamente fora do seu contrôle.

3.2) **AMOR AO PRÓXIMO.** — As “condições prévias” para que o indivíduo possa ser educador são a *simpatia e inclinação pelo homem*, isto é, a capacidade de gostar da humanidade. “Quem não saiba viver em amor com seus semelhantes, pode considerar-se de antemão fracassado como educador”. E acrescenta o autor de “El Alma del Educador” que o que fez de **PESTALOZZI** um dos maiores educadores da humanidade não foram suas obras, nem sua filosofia, nem sua ciência, mas sua capacidade de esquecer de tudo para consagrar-se à educação de 10 órfãos junto aos quais “vivia dia e noite, como professor, bedel, empregado e servente”.

“A verdadeira natureza do educador faz com que êle não possa encontrar satisfação senão no contato contínuo com a juventude. Sua necessidade primordial não é a comunicação com os adultos, mas o contato permanente com a infância.”

Que bela definição!

3.3) **TATO PEDAGÓGICO.** — “O segundo característico do educador é o *tato pedagógico*, essa capacidade de aproximar-se ou afastar-se do aluno, conforme a oportunidade, de passar por cima de determinadas falhas, de alternar os elogios e as repreensões.”

3.4) **CAPACIDADE DE COMPREENDER.** — O terceiro característico é a capacidade de *compreender* a personalidade do aluno, ou como diz KERSCHENSTEINER, a capacidade para o *diagnóstico da personalidade*. É preciso saber ser um “investigador de almas”. E tratar igualmente a tôdas essas alminhas em flor: cuidar de tôdas com igual desvêlo. “Nada é mais necessário ao professor que esta divina objetividade que alcança com igual simpatia a todos; que, em primeiro lugar, perdoa, ou melhor ainda, pode esquecer totalmente; que sente maior satisfação ante um pecador que faz contrição, do que ante noventa e nove justos que não incorrem na mais pequena falta.”

3.5) **CAPACIDADE DE FORMAR O CARÁTER.** — O quarto atributo do educador é a capacidade de influir decisivamente no desenvolvimento do educando. “Pedrinho é um menino incrível, mas que é eu posso fazer?” Quando ouvimos um professor dizer isso, evidentemente não estamos na frente de um educador. O educador tem que possuir capacidade para *formar o caráter* dos seus alunos. Mas para isso, é preciso que êle próprio possua um grande caráter. O mestre de Mûnich enumera, como traços fundamentais do caráter do educador: força de vontade, poder de bom senso, sensibilidade e entusiasmo.

3.6) **EDUCAR É AMAR.** — Enfim, como quinto característico, o educador precisa ter uma grande autoridade sobre seus alunos. Mas essa autoridade não provém da força, da violência, da austeridade, da “cara fechada” e sim do seu alto valor intelectual e moral. O educador não deve ser um homem “autoritário”. Deve dominar seus alunos *pelo amor*. Quando o amor que nutre pelos seus alunos vem acompanhado por uma alta autoridade intelectual e moral, aquilo que o mestre obtém

dêses alunos, de volta, em compensação, não é apenas amor mas também *veneração*. E essa é a recompensa máxima que um educador pode aspirar em sua vida: ser amado e venerado pelos seus alunos.

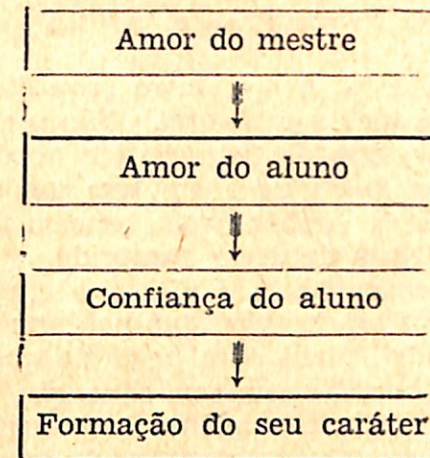
3.7) PEDAGOGIA DO AMOR. — Essa “capacidade de amar” foi o fundamento de todo um sistema educativo: o de DOM BOSCO, o grande educador católico, hoje SÃO JOÃO BOSCO (1815/1888). Inúmeras vezes nos temos referido àquilo que se chamava “o milagre de DOM BOSCO”: como se sabe, o humilde cura de aldeia italiano conseguiu conquistar e transformar centenas de pequenos vagabundos e delinquentes, egressos das prisões italianas, em jovens capazes e direitos. E tudo isso através de um simples trabalho educativo, efetuado em prédios acanhados, sem material adequado...

Quando, atraídas pelo seu sucesso, acorreram à escolinha de Valdoco, perto de Turim, altas autoridades do governo italiano e lhe perguntaram, espantadas, “em que consistia o segredo do seu método”, ele respondeu simplesmente: “*no amor*”. “Eu amo essas crianças, elas me amam e por isso fazem o que lhes peço.”

“Nessuna confidenza senza affezione, nessuna educazione senza confidenza”, dizia DOM BOSCO (“nenhuma confiança sem afeto, nenhuma educação sem confiança”). Ou, em outras palavras, é preciso que os alunos *confiem* no mestre, para segui-lo, para atendê-lo. Mas, para *confiarem*, é preciso que o *amem*, e para amá-lo é preciso que se *sintam* amados pelo mestre!

O amor do mestre provoca o amor do aluno, que por isso, se entrega ao mestre, segue-o, e permite que ele influa em seu espírito, forme seu caráter.

Ou, em termos esquemáticos:



“Vossa autoridade”, diz em outra oportunidade DOM BOSCO, “será aquela do amor; a autoridade do pai que tem nas mãos o coração do filho.”

E para comprovar que o santo educador não apenas “falava” assim, mas que essa era a própria estrutura da sua alma, eis um trecho de uma carta por ele escrita, de Roma, aos discípulos, no dia 10 de maio de 1884: — “Perto ou longe, eu penso sempre em vocês. Um único é o meu desejo: vê-los felizes no tempo e na eternidade”... E adiante: “São palavras de quem os ama ternamente em Jesus”... E em outro trecho: “Vocês são o único e contínuo pensamento de meu espírito”.

Aos seus colaboradores ensinava: “Fazei-vos amar e não temer... Fazei com que, quando vos virem, vos corram ao encontro e não se afastem de vós... Quem quer ser amado, precisa mostrar o próprio amor”. Belo lema para todos os professores inscreverem em seus corações e adotarem como norma de vida:

“Fazei-vos amar e não temer.”

(Vide abaixo “Nota Prática” n.º 2.)

3.8) A ALEGRIA. — Outro requisito fundamental para o educador é a *alegria*. Não que o educador viva a dar gargalhadas nem contar anedotas mordazes. É a alegria suave de quem tem um objetivo. É a alegria de quem se sente em paz consigo mesmo e com os outros. A alegria do dever cumprido.

O educador precisa ser alegre e sorridente, para atrair melhor as crianças porque nenhum garoto gosta de “cara fechada”. Nada atrai mais do que um sorriso.

E isso não ocorre apenas na educação, mas em tudo na vida: um sorriso é a melhor introdução para uma conversa política, para uma entrevista internacional ou para o caixeiro da loja que deseja vender algo ao freguês. Os americanos, grandes psicólogos práticos, exigem dos vendedores de lojas: “sorria sempre”. E os lojistas fazem campanhas, colocando nas vitrinas êste dístico: “keep your smile” (“conserva o seu sorriso”).

A alegria deve ser, pois, um estado d’alma constante no educador, na escola, na sala de aula, nos re-

NOTA PRÁTICA N.º 2

Sôbre a “Pedagogia de Amor”

Sôbre Dom Bosco e a sua obra já existe hoje uma centena de livros publicados! Se o leitor quiser conhecer mais de perto a “Pedagogia do Amor” deverá ler: 1) CALVI, J. B. — “O Bem-aventurado D. Bosco”; Torino, 1929. 2) FASCHIE, D. B. — “Del Metodo Educativo di D. Bosco”; Torino, 1927. 3) CALVI, J. B. — “Vida do Beato D. Bosco”; Torino, 1930; 4) FIERRO, Rodolfo — “El sistema educativo de D. Bosco”; Barcelona, 1914. 6) AUFRAY, C. — “Une Méthode d’éducation”, Paris, 1921. 7) CERRUTI, Francisco — “As idéias de D. Bosco sôbre educação”; Torino, 1896.

creios. A alegria é, até uma condição de sanidade: “*um santo triste é um triste santo*”, dizem os filósofos católicos, querendo significar que sem alegria até a santidade diminui de expressão.

3.9) GRANDES EDUCADORES. — É muito interessante verificar se há numerosos educadores que possuam tôdas as qualidades acima enumeradas. Quantos grandes educadores terá havido, nessas condições? Quantos grandes educadores terá tido o mundo? Quais são êles? Infelizmente a resposta não cabe neste livro, pois o assunto é mais da História da Educação (1). Em todo caso, podemos adiantar que vários pedagogos têm procurado responder a essas perguntas. Para KERSCHENSTEINER, o maior educador do mundo foi PESTALOZZI. Para SPRANGER, foi o velho SÓCRATES. Já SCHNEIDER afirma que até hoje só existiu no mundo um educador completo: DOM BOSCO.

3.10) OS MAIORES EDUCADORES. — Relacionamos abaixo aquêles que são considerados os maiores educadores do mundo. É claro que outros nomes podem ser acrescentados a esta lista. Deixamos até, de propósito, umas linhas em branco, para outros grandes vultos a serem lembrados. Eis nossa relação:

- | | |
|---------------------------------|-----------------------|
| 1. SÓCRATES | 9. HERBART |
| 2. PLATÃO | 10. HORACE MANN |
| 3. ARISTÓTELES | 11. JOHN DEWEY |
| 4. SÊNECA | 12. SARMIENTO |
| 5. COMÊNIO | 13. VARELA |
| 6. SÃO JOÃO BATISTA DE LA SALLE | 14. ANCHIETA |
| 7. PESTALOZZI | 15. TOLSTOI |
| 8. FROEBEL | 16. RABINDRANA TAGORE |

(1) Vide nosso livro “História da Educação”, volume XI desta Coleção “A ESCOLA VIVA”, a sair breve.

17. ARNOLD	24. DECROLY
18. DOM BOSCO	25. MONTESSORI
19. SANDERSON	26.
20. DEMOLINS	27.
21. LIETZ	28.
22. GEHEEB	29.
23. KERSCHENSTEINER	30.

(Vide abaixo "Nota Prática n.º 3").

Acima de todos êsses, no entanto, temos que lembrar sempre aquêle que foi chamado "o Mestre dos mestres": JESUS CRISTO.

§ 4.º REQUISITOS DO PROFESSOR

Bem. Até aqui falamos dos requisitos do educador. Mas já dissemos que não se pode pretender que todos os 200.000 professores primários brasileiros sejam possuidores dessas excepcionais qualidades psicológicas e morais, que fazem do verdadeiro educador um vulto impressionante de *apóstolo da criança*.

NOTA PRÁTICA N.º 3

Os maiores educadores do mundo

Aí está um interessantíssimo trabalho que os professores de Escola Normal poderão propor a seus alunos: estudar a vida dos grandes educadores e escolher qual, na sua opinião, o maior, ou os maiores. Note-se que se trata de escolher entre os educadores aquêles que podem servir como padrão, como modelo, para os nossos futuros professores. Não vamos cuidar, pois, dos escritores nem filósofos da Educação, que recebem o nome de *pedagogos*, mas daqueles que realmente foram educadores, dedicando sua vida a educar crianças e jovens.

Cada grupo ou equipe de alunos seria incumbido de apresentar por escrito trabalho sobre a vida e obra do educador de suas preferências.

Ficaremos muito satisfeitos em receber notícia sobre trabalhos feitos nesse sentido, pelas nossas Escolas Normais, para citação em próxima edição deste livro.

Quais serão, então, as qualidades mínimas para ser um bom professor?

Várias pesquisas têm sido feitas nesse sentido, ouvindo-se a opinião de centenas, senão de milhares de administradores escolares, professores, pais de família e alunos.

4.1) PESQUISA AMERICANA. — Uma das maiores pesquisas foi a realizada por uma Associação para o Aperfeiçoamento do Professorado, nos Estados Unidos ("*Commonwealth Teacher Training Study*"), que procurou saber de diretores de escola e inspetores escolares quais as qualidades que êles julgavam necessárias num professor. Eis os atributos apresentados como fundamentais:

1. Bom senso	10. Refinamento	18. Segurança
2. Autodomínio	11. Sollicitude	19. Cultura
3. Prudência	12. Fortaleza	20. Originalidade
4. Entusiasmo	13. Espírito de liderança	21. Pontualidade
5. Magnetismo	14. Boa saúde	22. Espírito renovador
6. Adaptabilidade	15. Simpatia	23. Espírito progressista
7. Elevação de interesses	16. Diligência	24. Eloquência
8. Honestidade	17. Asselo	25. Simplicidade
9. Cooperação		

Ora, a verdade é que se um indivíduo possuir tôdas essas qualidades será um homem quase perfeito e muito provavelmente não teria o ideal de ser professor, mas sim Presidente da República...

4.2) ESTUDO BRASILEIRO. — Segundo distinto pedagogo brasileiro ⁽¹⁾, as qualidades fundamentais do professor primário são divididas em três grupos: físicas, intelectuais e morais.

(1) TEOBALDO MIRANDA SANTOS — "Manual do Professor" — Editora Nacional; São Paulo, 1948, pág. 18.

4.2.1) *Qualidades físicas.* — Saúde, equilíbrio orgânico, resistência física. Normalidade dos sentidos. Importância do olhar; “o olhar possui uma grande eloqüência e exerce uma profunda influência psicológica. Ele pode penetrar até o âmago da alma da criança”. A respeito diz DOM BOSCO: “Muitas vezes basta fixar o olhar num aluno para lhe fazer sentir uma censura ou manifestar-lhe que seus erros são conhecidos”. Das qualidades físicas faz parte ainda a *voz*, que, no professor, deve ser agradável, bem timbrada, modulada, nem macia de mais nem ríspida. A voz metálica, estridente é irritante. Finalmente, o professor precisa cuidar do *porte*, que não deve ser “severo”, como queriam os mestres antigos, mas tem de ser *simples*, sem atavios, sem “modas” extravagantes, nem enfeites excessivos.

4.2.2) *Qualidades intelectuais.* — Entre as qualidades intelectuais deve o mestre possuir razoável inteligência (não precisa ser nenhum gênio), capacidade de penetrar na alma infantil; boa cultura geral. TEOBALDO afirma, cremos que com muito exagêro: “a cultura do professor primário deve abranger, tanto quanto possível, todo o campo do conhecimento humano”. No campo da cultura especializada, o professor deve conhecer a filosofia, as ciências e as técnicas da Educação.

4.2.3) *Qualidades morais.* — Estas são, talvez, as mais difíceis de se reunir numa só pessoa: o professor deve ser *bondoso*, mas bom sem ser fraco, “mole”, como se diz comumente. Bondade não exclui energia, quando necessário. O professor precisa amar a criança, amar os seus alunos. E tem que ser justiceiro, honesto, correto, verdadeiro. O mestre não se pode deixar levar por simpatias pessoais porque isso gera recalques e ressentimentos

mentos dos alunos preteridos. Além disso, precisa ter paciência, alegria, autocontrôle. E ainda apresentar conduta moral irrepreensível, já que os alunos o tomam como exemplo e a sociedade acompanha atentamente a sua vida. Certos defeitos e fraquezas, que em outras pessoas passariam despercebidas, logo chamam a atenção se ocorrem no mestre. A êsse imenso quadro ainda se acrescenta que o professor deve ser movido por um grande *ideal*, para suportar tôdas as vicissitudes da sua carreira.

4.3) REQUISITOS SEGUNDO AGUAYO. — O mestre cubano também não se furta a discorrer sobre êsse fascinante problema: como deve ser um professor. (1) Acha que as qualidades do mestre podem ser englobadas em três grupos:

- I) O professor deve ser um homem inteligente e educado;
- II) Deve reunir certas qualidades e disposições;
- III) Deve ter um sólido preparo profissional.

4.3.1) *Homem educado.* — Segundo o mestre cubano, o homem educado é aquêle que: 1) Tem correção e precisão na língua materna; 2) Possui modos finos e corteses; 3) Tem hábitos de reflexão; 4) Tem capacidade de progredir; 5) Apresenta eficiência para a ação (“sabe fazer as cousas”); 6) Sólida formação moral; 7) Moderação nos juízos e opiniões; 8) Virtudes cívicas; 9) Cultivo dos ideais humanos; 10) Espírito religioso.

(1) AGUAYO, A. M. — “Filosofia da Educação”; Saraiva & Cia. Editôres; São Paulo, 1937, págs. 189 e segs.

4.3.2) *Qualidades e disposições.* — 1. Sentimento de solidariedade, assistência e sacrifício pelo próximo; 2. Capacidade para formar a personalidade humana; 3. Ser um bom psicólogo; 4. Personalidade bem equilibrada.

4.3.3) *Preparo profissional.* — 1. Estudo da precisa “ser um filósofo”, mas precisa “ter uma filosofia-criança e do adolescente (conhecimento de Psicologia); (Biologia, Sociologia, Filosofia, etc.); 3. Conhecimento 2. Conhecimento das ciências básicas da Educação Administração Escolar, etc.); 4. O professor não da arte da educação (inclui Higiene Escolar, Didática, *fia*”. Filosofia da vida, que o dirija, que dê um sentido à sua existência; 5. Domínio das matérias que val lecionar; 6. Clareza de expressão; 7. Capacidade para dirigir uma classe.

4.4) PESQUISA DÊSSES REQUISITOS. — O autor dêste livro, quando professor da Faculdade de Filosofia Santa Úrsula, fez uma pesquisa com suas alunas do Curso de Didática, para verificar quais os atributos essenciais de um professor (vide adiante “Nota Prática” n.º 4). De acôrdo com as opiniões recolhidas eis os dez atributos, na ordem de importância em que foram assinalados:

- | | |
|-----------------------------|-------------------------------|
| 1. Moral sadia | 6. Bom humor e jovialidade |
| 2. Espírito de justiça | 7. Conhecimento da matéria |
| 3. Amor à criança | 8. Assiduidade e pontualidade |
| 4. Ser companheiro do aluno | 9. Obediência ao regulamento |
| 5. Capacidade didática | 10. Paciência. |

§ 5.º) FICHA DE AVALIAÇÃO DO PROFESSOR

Para facilitar a verificação dos atributos do professor, organizamos a ficha da pág. 28, que pode servir

como uma espécie de *baremo pedagógico*, ou, se preferirem, *termômetro pedagógico*. Naturalmente não podemos colocar aqui *todos* os atributos indicados como necessários ao professor, pelos que se ocuparam do assunto, porque, segundo vimos, abrangem tôdas as qualidades humanas e super-humanas. Não pretendemos que nossos professôres sejam *perfeitos* nem *santos*, mas apenas bons mestres. Algumas das qualidades indicadas no quadro ao lado não são necessárias “ao professor” mas sim a tôdas as criaturas humanas, como por exemplo, espírito religioso, bondade, cortesia, boa conduta. Poderíamos, então, simplificar o quadro, dizendo que para ser bom professor é necessário, em primeiro lugar ser *boa criatura humana* (vide abaixo “Nota Pática” n.º 4).

Interpretação (dos itens que possam causar dúvidas):

NOTA PRÁTICA N.º 4

Pesquisa dos Atributos do Professor

Este é um atraente trabalho prático, que os alunos das Escolas Normais fazem sempre com prazer: pesquisar quais devem ser os atributos de um bom professor, isto é, os atributos que êles deveriam possuir, para triunfarem na carreira que vão abraçar. A pesquisa pode ser feita em diferentes áreas: entre os alunos da turma; entre os professôres da Escola; entre os conhecidos; entre os professôres dos outros estabelecimentos de ensino, dos vários graus, da cidade. A pesquisa pode ser simplesmente perguntar “quais os atributos que você acha essenciais a um professor?” ou apresentar uma fôlha mimeografada, com 30 ou 40 qualidades, das apontadas pelos estudos já feitos (e que publicamos neste capítulo) e outras que o pesquisador lembrar, pedindo-se aos pesquisados que assinalem as que consideram mais importantes. Gostaríamos muito de receber os resultados para publicação em futura edição.

ATRIBUTOS DO PROFESSOR

(Quadro organizado pelo Prof. Amaral Fontoura)

(Vide adiante "Nota Prática" n.º 5)

I) QUALIDADES FÍSICAS:	A	B	C	D	E	M	Z	MG
1. Boa saúde								
2. Boa audição								
3. Expressão de olhar								
4. Voz agradável								
5. Porte correto do corpo								
6. Apresentação e vestuário								
II) QUALIDADES INTELECTUAIS:								
1. Capacidade didática								
2. Conhecimento da língua								
3. Conhecimento da matéria								
4. Inteligência								
5. Tato psicológico								
6. Bom senso								
7. Espírito de liderança								
8. Clareza de expressão								
9. Cultura geral								
III) QUALIDADES MORAIS:								
1. Espírito religioso								
2. Idealismo								
3. Amor à criança								
4. Bondade e espírito de justiça								
5. Boa conduta moral								
6. Entusiasmo								
7. Companheirismo								
8. Alegria, bom humor								
9. Autodomínio e paciência								
10. Espírito renovador								
11. Cortesia								
12. Disciplina e obediência								
13. Assiduidade e pontualidade								

5.1) QUALIDADES FÍSICAS:

3) *Expressão de olhar* significa a capacidade de chamar a atenção, elogiar, censurar o aluno com o olhar.

5) *Porte correto*: é a maneira de andar, de sentar-se; não fazer gestos feiosos.

6) *Apresentação*: vestuário correto, sem modas exageradas (vestidos escandalosos, pintura excessiva) sem muitas pulseiras e jóias (vide abaixo "Nota Prática" n.º 5). A professora não deve ir para a aula nem vestida "de andar em casa", nem como se fôsse para uma festa.

NOTA PRÁTICA N.º 5

Você é (ou será) bom professor?

Você já avaliou seus dotes de professor? Tome o quadro da pág. 28 e peça a algumas pessoas que o conheçam bem, que lhe dêem nota naqueles itens. As notas de cada "examinador" serão colocadas numa coluna. O primeiro "examinador" dará notas na coluna "A" e assim sucessivamente. Se você é professor, as colunas "A" "B", etc. podem ser preenchidas por outros professores ou por algum aluno, e a coluna "E" será a das notas que o diretor da escola lhe dará. A coluna "M" é a média atribuída pelos "examinadores" de A até E. Na coluna Z você fará o seu próprio julgamento e colocará as notas que achar justas no seu caso. Compare bem as notas que você deu a si mesmo com a média das que os outros lhe deram. Isso servirá para você ver se tem autocrítica, se não é condescendente demais para consigo mesmo, se você não se julga melhor do que é (o que significa supervalorização, orgulho, vaidade). Na coluna final, "MG", coloque a Média Geral, entre a média que os outros lhe atribuíram e a que você se atribuiu. Coloque esse quadro na sua mesa de trabalho e olhe sempre para ele, a fim

5.2) QUALIDADES INTELECTUAIS:

1) *Capacidade didática* é um conjunto de atributos: saber transmitir, saber interessar os alunos, saber explicar, saber manter a classe viva e atenta (sem constantes admoestações nem castigos, sem gritos), é ter bom método, sem se escravizar ao programa.

2) *Língua*. — Não se admite que um professor escreva ou fale errado.

5) *Tato psicológico* é a capacidade de compreender a criança, de sentir as causas de sua atitude, de saber não ver. É o conhecimento objetivo da Psicologia da Criança.

6) *Bom senso* é saber resolver os problemas pelo caminho mais fácil, é ser simples e lógico nas suas atitudes.

de procurar melhorar, progredir. De tempos em tempos volte a fazer essa avaliação, para ver se melhorou ou piorou.

Se você é aluno de Escola Normal, peça a colegas mais íntimos, ao professor que o conheça melhor, à "mestra" de disciplina", etc., que lhe dêem as notas. Depois volte a fazer outra avaliação, quando já fôr professor e veja se a realidade confirmou as previsões.

As notas podem ser dadas de 0 a 10, significando 5 a situação regular, 0 a 5 abaixo de regular e 6 a 10 acima de regular.

- 0 — Ausência total do predicado
- 1 ou 2 — Fraquíssimo, muito ruim
- 3 ou 4 — Fraco, ruim
- 5 ou 6 — Regular, normal
- 7 ou 8 — Bom
- 9 — Muito bom
- 10 — Ótimo, magnífico.

Sugerimos aos senhores professores das Escolas Normais que mandem mimeografar o nosso quadro acima e o distribuam entre seus alunos, para que cada um solicite aos colegas e professores que o preencham. A Escola Normal ficará, assim, com um interessante perfil de cada aluno, que poderá, mais tarde, ser comparado com os resultados da vida prática.

7) *Espírito de liderança* é a capacidade de atrair, dirigir, chefiar, reunir os outros em torno de si. (O bom professor, sendo um verdadeiro líder, não apenas atrai os seus alunos mas também os pais, as famílias, a comunidade. Isto se refere principalmente ao mestre que exerce sua função nas localidades do interior.)

8) *Clareza*: o professor tem que falar de tal modo que todos entendam o seu pensamento, as suas idéias.

9) *Cultura geral*. — O professor deve (ou deveria) entender um pouquinho dos principais assuntos científicos, econômicos, políticos e sociais do seu meio e do seu tempo.

5.3) QUALIDADES MORAIS:

1) *Espírito religioso*. — Não é possível educar sem Deus. Educar é *espiritualizar*, não é apenas *treinar* para fazer cousas.

5) *Conduta*. — O professor tem que se comportar bem, com dignidade, e tanto dentro como fora da escola. O mestre não se despe de sua personalidade de educador por estar fora da escola. Em qualquer lugar todos o apontam: "aquêlé é o professor X".

6) *Entusiasmo*. — Saber manter a aula animada, falar com calor, convencer os outros com sua palavra vibrante.

7) *Companheirismo*. — Ser amigo de seus alunos, estar junto deles no recreio, conversar com eles, interessar-se pela vida de cada um, ser o confidente deles.

8) *Alegria* — (vide o que foi dito no § 3.8.) Se o professor tem razão para estar aborrecido, seus alu-

nós não têm culpa disso e não devem servir de “saco de pancada” para o professor descarregar.

9) *Autodomínio*. — Não se exaltar facilmente com as atitudes erradas dos alunos. Ter paciência para ensinar de novo aquilo que já ensinou dez vezes.

10) *Espírito renovador*. — Inventar novos jogos, nova maneira de dar aquêlo assunto. Fugir à *rotina* como quem foge do diabo.

11) *Cortesia*. — Tratar os alunos sempre bem, com atenção, sem chamar de “moleque”, “mal educado” e cousas piores, que deprimam ou revoltem. O tratamento ideal é *meu filho*.

12) *Disciplina e obediência*. — Como pode obter disciplina dos alunos o professor que não é disciplinado? Essa disciplina inclui: a) *Obediência* aos superiores, aos regulamentos. Não dizer “a diretora já está velha, coitada, está atrasada”. Nem “o Departamento mandou fazer isso, mas eu acho errado e não faço”; b) *Respeito* aos colegas — não dizer jamais aos alunos que “o outro professor errou”.

13) *Assiduidade e Pontualidade*. — a) Não faltar à escola só porque “está ameaçando chuva” ou porque “mamãe faz anos hoje”; b) Não chegar atrasado constantemente. Não sair de casa “em cima da hora” porque a condução pode atrasar.

§ 6.º) PARA O SEU FICHÁRIO

Frases que merecem ser guardadas

1. “Fazei-vos amar e não temer.” (DOM BOSCO)
2. “Fazei com que os alunos, quando vos virem, vos

corram ao encontro e não se afastem de vós.” (DOM BOSCO)

3. “Um santo triste é um triste santo.”
4. “Educar com alegria.”
5. “É preciso tornar as crianças felizes para poder educá-las.” (FERNANDO AZEVEDO)
6. “Acolhendo o novo, o professor não deverá desprezar facilmente o antigo.” (PIO XI)
7. “Qualquer trabalho realizado sem alegria é estéril.” (SANDERSON)
8. “Na escola do trabalho tudo trabalha: o corpo, o cérebro e o coração.” (KERSCHENSTEINER)
9. “A escola deve ser uma sociedade em miniatura.” (DEWEY)
10. “Só se aprende a fazer fazendo.”

§ 7.º) TÓPICOS PARA DEBATE EM CLASSE

1. Formule um conceito de *educação* e justifique-o.
2. “A educação ou é integral ou não é educação.” — Explique esta frase.
3. Explique a expressão “os 4-H” dos americanos.
4. Em que consiste a “Pedagogia do Amor”, de DOM BOSCO?
5. “Fazei-vos amar e não temer.” — Concorda com esse princípio? Sim ou não? Por quê?
6. Escolha um dos “grandes educadores do mundo”,

estude a sua obra e faça uma ficha a respeito (vide "Nota Prática" n.º 4).

7. Na sua opinião o "espírito religioso" é necessário ao mestre? Sim ou não? Por quê?
8. A "conduta do professor fora da escola" interessa à escola? Por quê?
9. Qual, na sua opinião, a "qualidade n.º 1" que deve possuir o bom mestre? Justifique essa opinião e discuta-a com outros colegas.

§ 8.º) BIBLIOGRAFIA ESPECIAL PARA ESTE CAPÍTULO

(Vide no fim do volume, a Bibliografia Geral)

1. AGUAYO, A. M. — "Filosofia da Educação"; Saraiva & Cia.; São Paulo, 1937.
2. BACKHEUSER, E. — "O professor"; Editôra Agir; Rio, 1946.
3. DUVILLARD, E. — "El maestro de primeira enseñanza"; Madrid, 1924.
4. KERSCHENSTEINER, G. — "El alma del educador y el problema de la formación del maestro"; Editora Labor; Barcelona, 1928.
5. RUDE, Adolf — "La Escuela Nueva y sus procedimientos didácticos"; Labor; Barcelona, 1937.
6. SANTOS, Teobaldo M. — "Manual do Professor Primário"; Cia. Editôra Nacional; São Paulo, 1948.
7. SCHMIEDER — "Didáctica General"; Madrid — 1932.

Formação Profissional para o Magistério

Ficha-resumo:

§ §

9. O ensino no Brasil antigo — Criminoso descaso pelo ensino, com exceção dos jesuítas. Grande ignorância do povo. Apenas "cadeiras" em vez de escolas. Mestres ganhando 100 cruzeiros por ano... 87% de analfabetos.
10. O preparo dos professôres primários — "Qualquer idiota não aprovado em costumes de bom viver pôe escolas de ensinar meninos" (CONSELHEIRO PAULINO). O método dos professôres era.. a pancada em quantidade. Primeira Escola Normal brasileira: Niterói, 1835. Quase metade dos professôres primários brasileiros não possui preparo profissional!
11. A formação profissional do mestre — Necessidade da formação pedagógica. Estrutura dos cursos pedagógicos: curso básico e curso de formação. O magistério como profissão de nível médio.
12. Importância dos estágios — Estágio de observação, de participação e de direção. Em que consiste cada um deles.
13. Escola de Aplicação — Tôda Escola Normal deve obrigatoriamente possuir uma Escola de Aplicação, para a prática de suas alunas.

(continua)

Ficha-resumo (conclusão):

§ §

14. **A vida na Escola Normal** — As alunas devem passar o dia na Escola Normal. Participar de toda vida escolar. Colaborar na vida interna e na administração da escola.
15. **Um exemplo de renovação pedagógica** — A intensa vida da Escola Normal Rural da Fazenda do Rosário (Minas Gerais) onde as alunas trabalham em comunidade. Os 7 Clubes em funcionamento no Rosário. O "diário" da vida escolar.
16. **O Clube Pedagógico** — Finalidade: fazer as alunas viverem os princípios aprendidos nas aulas teóricas. Atividades a desenvolver: estudos, pesquisas, debates, visitas, excursões.
17. **A Escola Normal Rural** — Desajustamento da professora cidadina que vai para a roça. Vantagens da Normal Rural: a) a mestra iria viver no seu meio; b) teria treinamento especial nas atividades da vida rural.
18. **Vocação para o magistério** — Consiste no amor à criança, no amor à arte de ensinar, na capacidade de "conquistar" os alunos, na capacidade de transmitir com simplicidade, clareza e objetividade.
19. **Cursos de treinamento** — Finalidade: permitir que professores leigos adquiram conhecimentos e técnicas de ensino. Espírito absolutamente prático, nesses cursos.
20. **Cursos de Administração Escolar e Orientação Educacional** — Finalidade: formar diretores de escola e orientadores educacionais. O diretor precisa formação para esse fim. O orientador irá pesquisar casos de desajustamento e coordenar o ensino.
21. **Tópicos para discussão.**
22. **Leituras complementares.**

§ 9.º) O ENSINO NO BRASIL ANTIGO

Infelizmente no Brasil antigo nunca se deu a devida atenção aos problemas educacionais: por esse motivo também não se dava nenhuma importância à formação, situação social e remuneração do magistério.

Como todos sabem, o ensino em nossa terra esteve inteiramente entregue nas mãos dedicadas dos jesuítas, até a data da supressão da Companhia de Jesus pelo Marquês de Pombal, em 1759. Somente 12 anos mais tarde, em 1772, o Marquês instituiu um imposto sobre a aguardente, para com ele contratar professores leigos que substituíssem os dedicados jesuítas. Mas 18 anos mais tarde, em 1790, como registra o grande AFRÂNIO PEIXOTO, "os ordenados dos professores já estão atrasados de meses e anos"...

Por essa época não havia no Brasil "escolas", mas apenas "cadeiras": o mestre contratado para uma "cadeira" lecionava onde pudesse, em geral nos fundos da sua residência. MOREIRA DE AZEVEDO refere que só havia "cadeiras" nas cidades e vilas mais importantes, enquanto os outros pontos do país viviam na mais completa ignorância. "Os professores, mal retribuídos e pouco considerados não tinham uniformidade no ensino, nem aptidão, e aos alunos infligiam castigos corporais excessivos e infamantes". (1)

Proclamada a independência da nação, em 1822, a situação pouco melhorou. AFRÂNIO PEIXOTO relata que, nessa época, em todo território de Santa Catarina não havia uma única cadeira de primeiras letras! O mesmo acontecia no Piauí, onde, para uma população

(1) PEIXOTO, Afrânio — História da Educação; Editora Nacional, São Paulo, 1933, capítulo XVII.

de 80.000 habitantes, não havia uma só escola primária! Igual ignorância se registrava no Amazonas, sem uma só "cadeira". A província de Alagoas era mais feliz: possuía *uma* cadeira primária... Por essa época já havia gerais reclamações contra os vencimentos do "mestre-escola" que eram de... 10 cruzeiros por mês, ou 100 cruzeiros por ano. Propunham que passasse a 500 cruzeiros por ano. Mas o projeto não foi aprovado...

Passam-se os anos, sem que o Governo se preocupe com o problema educacional. 50 anos mais tarde, em 1870, o Ministro do Império CONSELHEIRO PAULINO, proclama: — "É com verdadeira mágoa que me vejo obrigado a confessar que em poucos países a instrução pública se achará em circunstâncias tão pouco lisonjeiras como no Brasil".

E prossegue o ministro de Sua Majestade: — "Em algumas províncias a instrução pública mostra-se em grande atraso; em outras, em vez de progredir, tem retrogradado". Reclama-se que, como era costume nos tempos da colônia, e já ocorria na velha metrópole portuguesa, "*qualquer idiota não aprovado em costumes de bom viver põe escola de ensinar meninos*"...

Esse tremendo desprezo pela educação do povo continuou até quase o dia de ontem. E ainda hoje os governos não fazem pela educação tudo que é necessário. Veja-se bem o quadro abaixo: a percentagem de analfabetos continua diminuindo, mas seu número total continua crescendo...

Recenseamento	População total	Percentagem de analfabetos	Número total de analfabetos
do ano de 1872	10.000.000	87%	8.720.000
do ano de 1920	27.000.00	70%	18.000.000
do ano de 1960	66.000.000	53%	34.000.000

Quanto a *ensino secundário*, somente no ano de 1837 resolveu o governo criar o primeiro ginásio: o "Imperial Colégio Dom Pedro II", que até hoje continua sendo o único estabelecimento de ensino secundário do Governo Federal.

§ 10) O PREPARO DOS PROFESSORES PRIMÁRIOS

Como vimos, o "mestre-escola" brasileiro, seguindo a tradição portuguesa antiga, era *qualquer um, que ensinava qualquer coisa*. Era aquele que havia falhado em todas as outras profissões. E sempre eram homens, pois as mulheres ainda não haviam conquistado o direito de ter uma profissão...

Muito diferente da situação brasileira era a das outras nações européias, onde se levava a sério a escolha dos professores primários. Basta dizer que na Alemanha se proclamou oficialmente que "*a guerra de 1870 (guerra da França contra a Alemanha) foi ganha pelos mestres primários alemães*"!

Não tendo nenhuma capacidade para "transmitir" as letras, tais mestres patricios compensavam essa deficiência pelo método da... pancada. Batiam a valer nos alunos. Por isso milhares fugiam da escola, preferindo continuar analfabetos. Quando os alunos, em volta de 14 e 15 anos, se mostravam incapazes de aprender a ler (incapacidade que era dos mestres e não dos meninos), tinham como castigo serem enviados à força para sentar praça no exército, continuando analfabetos...

No meio de tanto atraso educacional, brilhou uma estrela nos céus, em 1835: *foi criada a primeira Escola Normal no Brasil, na cidade de Niterói*. Em 1837 surgiu a segunda Escola Normal, na Bahia. Somente em 1872 foi criada a primeira escola pública municipal, no Rio de Janeiro, e somente em 1880 surgiu a Escola Normal da capital brasileira.

As províncias foram aos poucos criando escolas primárias (escolas mesmo, em vez de "cadeiras" na casa do professor) e foram surgindo também as *Escolas Normais*, para preparar professoras primárias.

No entanto, apesar do crescimento das Escolas Normais, a formação das professoras primárias continuou facultativa: não era (como não é até hoje) obrigatório o Curso Normal para alguém conseguir uma nomeação de professor.

No século XX se começou a dar mais atenção ao ensino primário, aumentando o número de escolas, mas continuou não sendo exigida nenhuma prova de capacidade das mestras.

A partir de 1930 um grande e bendito surto de renovação educacional se espalhou pelo Brasil. Um grupo, embora pequeno, de educadores levantou pelo país a bandeira da Educação como base do Progresso e da Democracia. Multiplicaram-se fantásticamente, nesses últimos 30 anos, as escolas primárias, os ginásios e as escolas normais. Atualmente há quase um milhar de Escolas Normais no Brasil.

Mas... o ensino primário continuou a ser a profissão de "qualquer um". Nada se exigia das candidatas a professora, nem ao menos que soubessem ler e escrever...

Crescendo auspiciosamente *em quantidade*, nosso ensino primário continuava de baixo nível *qualitativo*. Até hoje, em alguns pontos do Brasil, professora continua sendo qualquer pessoa que ensina qualquer coisa, ou não ensina coisa nenhuma. Ao lado de milhares de mestras magníficas, dedicadas, que fazem do magistério o supremo ideal de sua vida, e honram a cultura brasileira, há moças que não sabendo escrever a máquina, nem servir num balcão, e não podendo, pois, assumir nenhum outro emprêgo, conseguem em certas regiões do país, ser nomeadas professoras primárias, único em-

prêgo para o qual, naqueles lugares, não se exige capacidade nenhuma, preparo nenhum!

Naturalmente ótimas Escolas Normais surgiram e existem, umas públicas, outras particulares. Há estabelecimentos como os Institutos de Educação do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul, de São Paulo, de Minas Gerais, de Pernambuco e outros, que nos enchem de patriótico orgulho. Existem centenas de Escolas Normais, na sua maioria de Ordens e Congregações religiosas, pelo Brasil inteiro, trabalhando com dedicação e desinterêsse em prol da formação de novos e capacitados mestres primários.

Mas infelizmente uma enorme percentagem dos nossos professores primários não possui formação de espécie alguma, não tendo a mínima qualificação para exercer o magistério!! Segundo os dados oficiais da estatística brasileira ("Anuário Estatístico" do I.B.G.E., ano de 1960), a situação é a seguinte:

Professores primários existentes	200.000	
Dos quais são diplomados	106.500	(54%)
E não são diplomados	93.500	(46%)

Pergunta-se: podemos imaginar um médico que não tenha estudado Medicina? É possível ser datilógrafo sem ter aprendido a escrever a máquina? — Como é possível, então, não se exigir do professor nem que conheça a matéria a lecionar, nem que saiba lecionar?...

Ninguém pode dirigir um carro sem estar devidamente habilitado: é considerado *crime* dirigir automóvel sem a carta de habilitação. — Que dizer, então, daqueles que dirigem não um simples automóvel, mas centenas de almas, centenas de personalidades em formação, sem saber fazê-lo, e, por sua incompetência, deixam todas aquelas crianças vegetarem o resto da vida na ignorância e na miséria?

§ 11) FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO MESTRE

A solução lógica e ideal seria que só pudesse exercer o magistério a pessoa habilitada para êsse fim, tal como se exige de qualquer outra profissão. A habilitação seria, evidentemente, o diploma de normalista, isto é, de professor primário.

Mas não é possível atingir de imediato tal ideal, pois, como vimos, existem nada menos de 93.500 professores não diplomados, que lecionam pelo menos em 50.000 escolas. Talvez a maioria das escolas do interior estejam providas com tais mestres leigos. De um lado há a considerar que muitos desses leigos, por sua boa vontade, dedicação e experiência, conseguem ensinar razoavelmente, ao fim de certo número de anos. E de outro lado, as môças diplomadas não se sujeitam (com razão) a ficar desterradas em roças atrasadíssimas, isoladas de sua família, de seu meio social e da própria civilização. Nessas localidades longínquas a solução será mesmo aproveitar como professora da escola o elemento ali residente, oferecendo-se-lhe o possível treinamento prático. Êste, porém, será assunto de próximo parágrafo. Aqui abordaremos a formação regular dos mestres.

A formação profissional de uma professora é difícil e complexa: não se admite mais que uma criatura possa ser professora apenas porque "conhece as matérias que vai lecionar". Além dessas matérias, ela precisa "saber lecionar" (isto é, conhecer *Didática*) e saber porque se leciona assim (conhecer as demais disciplinas *pedagógicas*).

Todo curso normal (que com muito mais acerto se deveria chamar curso pedagógico), compreende, portanto, dois grupos de matérias: as de *conteúdo* e as *pedagógicas*. Matérias de *conteúdo* são aquelas que for-

necem o que o professor vai ensinar; as de cunho *pedagógico* são as que ensinam a ensinar.

Em termos gerais, eis o esquema de um currículo de Curso Pedagógico (ou Curso Normal):

CURSO NORMAL OU PEDAGÓGICO	I) Curso básico	<ol style="list-style-type: none"> 1. Português 2. Outras línguas 3. Matemática 4. Ciências Sociais 5. Ciências Naturais 6. Desenho, Trabalhos, Artes, Música 7. Educação Física 8. Religião
	II) Curso de Formação	<ol style="list-style-type: none"> 1. Psicologia Educacional 2. Sociologia Educacional 3. Biologia Educacional 4. História e Filosofia da Educação 5. Didática (Metodologia) 6. Prática de Ensino

Julgamos muito acertado o sistema em vigor no Brasil atual: o candidato ao magistério faz um *curso básico* de 4 anos, curso de conteúdo, semelhante ao *ginásio*, e, em seguida, o curso de *formação pedagógica*, em 3 anos, por abreviação chamado "curso de formação", não semelhante, mas equivalente ao curso colegial, aprendendo Psicologia, Sociologia e Biologia Educacionais, História e Filosofia da Educação, Didática ou Metodologia e Prática de Ensino.

O professor primário brasileiro fica, assim, com uma formação de nível médio e o magistério se classifica no quadro geral das profissões como "profissão de nível médio", no segundo degrau da escada, enquanto no primeiro degrau se situam as profissões de nível elementar (trabalhadores manuais, etc.) e no terceiro de-

grau ficam as de nível universitário ou superior (Medicina, Direito, Engenharia, etc.).

Mas permite-se que o diplomado pelas Escolas Normais ingresse numa Faculdade de Filosofia, e se transforme em professor secundário, ou prossiga em seus estudos de Pedagogia, e saia "bacharel" ou "licenciado" em Pedagogia, já então em nível superior.

Alguns autores acham que no curso de formação deveriam ser incluídas Administração Escolar, Estatística Escolar e Orientação Educacional. Pensamos, porém, que tais matérias devem fazer parte já de um terceiro degrau, ou *curso de especialização*: formação de Diretores de escola primária e de Orientadores Educacionais, cursos em que somente se poderão matricular professôres já diplomados e com um certo número de anos de magistério.

Outros administradores escolares, como o Supervisor (denominação muito mais adequada que a antiga, de "inspetor escolar"), o Técnico de Educação, o Assessor de Educação devem ter formação de nível superior, isto é, curso de Pedagogia das Faculdades de Filosofia.

Quanto às disciplinas que compõem o Curso de Formação Pedagógica, parece-nos serem essenciais aquelas seis citadas. Vejamos por quê.

Educação é o desenvolvimento das capacidades do indivíduo e sua socialização, isto é, sua integração na comunidade. Então, as duas bases da ação educativa do mestre têm que ser o conhecimento da criança e o do meio.

1. O professor precisa conhecer bem a *criança*, sua evolução, seus interesses, seu psiquismo. Conhecer as leis da aprendizagem e as diferenças individuais. Daí a necessidade da **PSICOLOGIA EDUCACIONAL**, com as três partes que a compõem: Psicologia da Criança, Psicologia da Aprendizagem e Psicologia Diferencial.

2. O futuro mestre tem que conhecer o *meio social* e seus grupos formadores: a família, o Estado, a Igreja, etc. Precisa dominar o estudo dos *processos sociais*, das formas sociais, da dinâmica social. Daí a necessidade da **SOCIOLOGIA EDUCACIONAL**.

3. Além de conhecer o psiquismo da criança, precisa o mestre conhecer seu físico, sua constituição biológica; estar senhor dos princípios que regem a saúde (Higiene) nos vários campos da vida: no lar, na alimentação, na recreação, na escola. Daí a disciplina **BIOLOGIA EDUCACIONAL**, ou simplesmente **HIGIENE ESCOLAR**.

4. Aprofundando-se na parte teórica e doutrinária da Educação, o mestre tem necessidade de saber "para que" se educa, isto é, quais os fins últimos da educação, segundo cada escola filosófica e política, segundo cada concepção de vida. E igualmente verificar a evolução do ensino através dos tempos, nos principais países do mundo. Daí as disciplinas **FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO** e **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**.

5) Descendo do campo mais teórico da *Educação* ao terreno mais prático do *ensino* propriamente dito, o professor precisa estar senhor da *arte de ensinar*, dos métodos de ensino, das técnicas e do material de ensino. Daí a cadeira de **METODOLOGIA**, que em muitos lugares recebe o nome de **DIDÁTICA** e por sua vez se subdivide em duas: Didática ou Metodologia *Geral*, onde se estudam os assuntos acima citados, e *Especial*, onde se estudam as técnicas de ensino aplicáveis a cada matéria em particular: Metodologia da Matemática, Metodologia das Ciências, etc.

6) Finalmente, depois de dominar os métodos e as técnicas do ensino, o futuro mestre vai aprender a colocá-los em ação, a praticá-los. Vai ministrar aulas

experimentais, sob a direção de um professor. Adquirirá o *manejo da classe*. Tal é o conceito da cadeira de *PRÁTICA DE ENSINO*, que equivale, no curso de Medicina, à de "Clínica Médica"; nesta, os futuros médicos aprendem a clinicar, isto é, a exercer a Medicina; naquela, os futuros professores aprendem a ensinar, isto é, a exercêrem o magistério.

§ 12) IMPORTANCIA DOS ESTÁGIOS

Parte importante da formação profissional do professor é o estágio, ao qual se deve dedicar, pelo menos, o 2.º semestre da 3.ª série do Curso de Formação e que consiste na *prática* dos alunos-mestres. Esse estágio compreende três fases:

- I) Estágio de observação
- II) Estágio de participação
- III) Estágio de direção.

I) No *estágio de observação* os futuros mestres comparecem às classes da Escola Primária de Aplicação e assistem às aulas, tomando notas de tudo, verificando bem como a professora de classe procede.

II) No *estágio de participação* as alunas-mestras passam a colaborar com a professora da classe primária em todas as atividades: organização do material didático, confecção de jogos; organização, aplicação e correção de exercícios e de provas; colaboração nos jogos e brinquedos dos recreios; funcionamento das Instituições Sociais da Escola, etc.

III) Finalmente, no *estágio de direção* a professoranda dá o grande passo: vai ministrar aulas; primeiramente aulas avulsas, nas várias séries primárias,

e por fim, passa um dia inteiro com uma turma de alunos. Essas aulas são assistidas pela professora da classe, pelo professor da cadeira de Prática de Ensino e por um grupo de colegas, todos tomando notas, para comentarem, depois, com a professoranda, as cousas que fêz bem e aquelas que ainda precisam ser melhoradas.

§ 13) ESCOLA DE APLICAÇÃO

O ideal, para a eficiência dos *estágios*, é a existência de uma Escola Primária de Aplicação, anexa à própria Escola Normal, onde as alunas-mestras possam realizar facilmente suas práticas. É muito difícil conseguir que todas as professorandas façam estágio numa escola primária não pertencente à Normal: os *estágios* sempre causam alguma perturbação na rotina escolar e tiram um pouco o ritmo de trabalho da professora de classe, que nem sempre os vê com boa cara... A diretora às vezes não os aprecia e os próprios pais de alunos não raro reclamam que "não mandaram seus filhos à escola para servirem de cobaia para as futuras mestras"...

A Escola de Aplicação é, pois, um instrumento de trabalho valiosíssimo que toda Escola Normal deveria possuir. Dizemos "deveria" porque sabemos, dentro da realidade brasileira, como é difícil atingir esse ideal, visto serem muitas das nossas Escolas Normais deficitárias, dando prejuízos financeiros e sendo mantidas exclusivamente graças ao idealismo de suas congregações.

Em todo caso, é mais um esforço que concitamos nossas Escolas de Formação a fazerem, para poder proporcionar às futuras mestras aquilo de que tanto precisam: um ambiente favorável a sua *prática*.

§ 14) A VIDA NA ESCOLA NORMAL

Para a boa formação profissional do professor é indispensável que a Escola Normal seja um ambiente bem diferente do Ginásio, inteiramente voltado para sua finalidade específica: *formar professores*.

O Ginásio se tem caracterizado por sua organização teórica, livresca, em que se exige dos alunos como obrigação máxima *aprender as lições*. Com esse preparo do Ginásio os alunos nada irão fazer se não ingressarem noutro curso.

O Curso Normal ou Pedagógico, ao contrário, tem uma finalidade específica: preparar jovens que, poucos dias depois de sua diplomação, irão mergulhar na vida prática, em missão espinhosa e complexa.

Todo o ambiente da Escola Normal deve refletir, pois, essa finalidade: as alunas-mestras precisam adquirir o máximo de *vivências* referentes aos assuntos pedagógicos e didáticos, seus problemas e suas soluções.

Para isso, precisam *participar* da maneira mais intensa possível da vida da Escola Normal; esta deverá ser não apenas o lugar onde as moças vão estudar, mas sim o ambiente em que viverão o maior número possível de horas por dia.

Seria ideal se as normalistas consagrassem à Escola as duas partes do dia: de manhã para receberem suas aulas teóricas, e à tarde para realizarem suas atividades sociais, funcionamento das Instituições Sociais da Escola, confecção de jogos e de material escolar, canto orfeônico, música, esporte, confecção do jornalzinho escolar, etc.

Naturalmente isso implicaria no almôço das normalistas na própria Escola, o que constituiria ótima oportunidade para novas *vivências* educacionais: confecção do cardápio, arrumação da mesa, direção da copa e da cozinha, etc.

As alunas-mestras deveram ir recebendo dia a dia uma parcela de responsabilidade nos trabalhos e atividades da Escola Normal, de maneira a irem aprendendo a dirigir, a organizar, a solucionar problemas.

Esse sistema de *participação* das futuras mestras na vida interna e nos problemas da Normal supõe, de certo, maior autonomia e sobretudo maior responsabilidade para as moças. Uma *aluna-mestra* não pode ser tratada apenas como *aluna*, mas também como futura *mestra*. Precisa ser uma *colaboradora* permanente e constante da obra escolar que se realiza no seu educandário.

O sistema da participação e colaboração do aluno na organização interna e na vida diária da Escola Normal, que tanto preconizamos, aproxima-se um pouco (apenas um pouco) do das *comunidades escolares* criado pela Escola Nova alemã, já usado há muitos anos pelas nossas Escolas Militares, onde há alunos encarregados dos vários serviços internos, com responsabilidade pelos mesmos, aprendendo, assim, *praticamente* a organizar e comandar.

§ 15) UM EXEMPLO DE RENOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Além das Escolas Militares, há pelo menos uma Escola Normal brasileira que já realiza essa intensa *participação* das alunas na organização escolar. Talvez outras existam, mas não as conhecemos, ao passo que tivemos ocasião de visitar pessoalmente e passar um dia inteiro nessa Escola Normal, cujo nome declinamos como uma homenagem sincera à sua organização: *Escola Normal Rural da Fazenda do Rosário, em Minas Gerais*, criada pela grande educadora HELENA ANTIPOFF e dirigida por suas dignas continuadoras.

Na Escola Normal Rural da Fazenda do Rosário todo serviço é realizado pelas alunas-mestras, inclusive a orientação da cozinha, a arrumação dos dormitórios, refeitórios, etc. (a escola é em sistema de internato). Embo-

ra haja empregadas para a realização dos serviços pesados, tudo o mais é feito pelas próprias moças, em rodízio quinzenal, de forma que todas elas passam por todos os serviços.

No fim de cada quinzena, há uma reunião geral da diretora, professoras e alunas, para se fazer a crítica da maneira como foram realizados os serviços, sejam verificadas as suas falhas e os recursos para aperfeiçoar a vida escolar.

As 130 alunas internas cumprem o seguinte horário:

6 hs.	— Levantar
6,30 hs.	— Educação Física
7 hs.	— Café
7,30 às 9,30 hs.	— Práticas agrícolas
10 às 11 hs.	— 1. ^a aula
11 às 12 hs.	— Almoço (servido por alunas)
12 às 12,30 hs.	— Repouso (obrigatoriamente deitadas)
12,30 às 13,30 hs.	— 2. ^a aula
13,30 às 14,30 hs.	— 3. ^a aula
14,30 às 15 hs.	— Lanche (servido por alunas)
15 às 16 hs.	— 4. ^a aula
16 às 17 hs.	— 5. ^a aula
17 às 18 hs.	— Limpeza geral do edifício (pelas alunas) Agricultura Esportes
18 às 19 hs.	— Jantar (servido por alunas)
19 às 19,30 hs.	— Recreio
19,30 às 21,30 hs.	— Estudo dirigido, com uma professora em cada série
22 hs.	— Silêncio.

O estudo em grupo é obrigatório: é proibido a aluna estudar sozinha (medida de grande alcance para a socialização do aluno e maior eficiência no preparo intelectual das futuras professoras).

Dentro do espírito de *socialização*, que tanto aconselhamos a nossas escolas, a Normal do Rosário concede

a máxima importância às Instituições Sociais da Escola. Funcionam lá intensamente os seguintes Clubes:

1. Clube Agrícola,
2. Clube Esportivo,
3. Clube Literário e Artístico,
4. Clube das Donas de Casa,
5. Clube Pedagógico,
6. Clube de Estudos Geográficos,
7. Clube Espiritual.

Um dos pontos essenciais da Escola Normal Rural do Rosário é que *toda vida escolar gira em torno do Clube Agrícola*. Não só as atividades agrícolas, na sua totalidade, são realizadas pelas alunas sócias do Clube, como as várias atividades correlatas.

Quando lá estivemos, em 1953, o Clube Agrícola já possuía um patrimônio avaliado em Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros). Nesse ano, somente com a venda de milho fizera Cr\$ 23.000,00 e com a venda de verduras e ovos alcançara Cr\$ 33.000,00, num total de Cr\$ 56.000,00.

Toda produção agrícola do Clube é vendida para a própria Escola, que a paga em dinheiro, sendo consumida, portanto, pelas alunas, que a vendem e a comem.

O *Clube Literário e Artístico* funciona articulado com a cadeira de Português.

O *Clube das Donas de Casa* toma conta da limpeza e da ordem. Já dissemos acima que todos os trabalhos internos são realizados pelas alunas. O Clube controla a perfeita execução desses trabalhos. Não consente que nada fique fora do lugar. Tem por finalidade a criação de bons hábitos de arrumação e higiene. Não permite que ninguém jogue nada no chão. Resultado: a escola é de uma impressionante limpeza, que faz gosto ao visitante desde o instante da chegada.

O *Clube Pedagógico* é exclusivo das alunas das duas últimas séries. Reúne-se quinzenalmente e tem por finalidade discutir assuntos de Psicologia, Sociologia, Pedagogia. Suas sócias apresentam estudos e relatórios sobre temas previamente determinados. Estudam também a vida e a obra dos grandes vultos da Educação.

Existe na Escola Normal uma escola primária anexa: os problemas desta última são também levados à discussão do Clube Pedagógico. Na época em que lá estivemos era êsse Clube orientado pela professora Teresinha Naves, das cadeiras de Psicologia, Metodologia e Prática de Ensino, que sabia com grande habilidade, despertar muito interesse e entusiasmo das alunas pelo Clube.

O *Clube de Estudos Geográficos* tem por finalidade "trazer o mundo para nossa casa". Entre outras atividades, realiza os comentários geográficos, da seguinte forma: alunas e professor se incumbem de trazer tudo que é recorte de jornal e revista referente a algum assunto de Geografia. Os recortes são distribuídos entre as alunas, que os levam e se incumbem de trazer, no dia seguinte, um resumo do artigo para a classe. O Clube realiza visitas e excursões. Quando lá estivemos, acabavam de voltar de uma fabulosa excursão em navio, no rio São Francisco. Mostraram-nos o álbum da viagem, com fotografias, postais, recortes, desenhos e textos alusivos ao desenrolar da excursão.

O *Clube Espiritual* tem por objetivo desenvolver os princípios religiosos e morais entre as sócias. Em suas reuniões fazem a leitura e comentários de livros católicos. Realizam visitas a famílias pobres da vizinhança, levando-lhes apoio moral e auxílio material. O Clube possui sua biblioteca própria, especializada. Outro detalhe que julgamos interessantíssimo foi a *leitura do Evangelho* que as sócias fazem, quer em voz alta, nas reuniões, quer fora dali, trazendo depois seus comentários

e interpretações a respeito. Como se vê, até a Religião aqui assume forma dinâmica, agradável e dentro dos cânones da *Escola Viva*.

Dois detalhes, para encerrarmos estas impressões: a Biblioteca da Escola contava com 1.400 volumes e apresentava extraordinário movimento diário, com dezenas de alunas lendo ou retirando livros para ler nas horas vagas, reuniões dos Clubes, no estudo dirigido, etc.

Outro detalhe admirável é o célebre *diário*, livro em que dia a dia vai sendo escrita a vida da Escola, cada dia por uma aluna. Ali se registra tudo de importante que houve durante as últimas 24 horas. As alunas escrevem com inteira liberdade, inclusive registrando suas críticas a fatos escolares e aulas. A leitura é feita pela "diarista" em voz alta, perante tôda escola reunida no refeitório, à hora do jantar.

§ 16) O CLUBE PEDAGÓGICO

Para dar expressão viva aos princípios pedagógicos aprendidos nas várias cadeiras, recomenda-se que as alunas de Curso de Formação Pedagógica de cada Escola Normal sejam levadas a criar um CLUBE PSICO-PEDAGÓGICO, organizado e dirigido por alunas-mestras, onde, com mais liberdade, possam discutir problemas suscitados nas aulas de Psicologia, Sociologia, Didática e Prática de Ensino (Ver Introdução, pág. 6).

Ao Clube Pedagógico incumbe realizar reuniões, debates, seminários sobre temas educacionais. E ainda: estudos sobre a vida e a obra dos grandes educadores universais e brasileiros; pesquisas e inquéritos sobre os problemas sociais da comunidade onde estiver localizada a Escola Normal; confecção de material e jogos para as classes primárias, etc.

Podrá o Clube Pedagógico ainda organizar festas de cunho cultural, esportes, torneios com outras escolas, excursões a cidades vizinhas, etc.

Recentemente as alunas-mestras da Escola Normal Sacré Cœur de Marie de Belo Horizonte, criaram o "CLUBE PSICOPEDAGÓGICO AMARAL FONTOURA", havendo-nos convidado para sua instalação. Lá estivemos e verificamos o entusiasmo e interêsse das alunas do Curso de Formação pelos trabalhos do Clube, acompanhando posteriormente suas pesquisas sociais e torneios desportivos, tudo sob a orientação da dedicada Madre professora de Sociologia e Pedagogia.

§ 17) A ESCOLA NORMAL RURAL

Um dos grandes problemas com que se tem defrontado o ensino primário brasileiro é o do professorado para as escolas rurais.

Môças da cidade, com *vivências* exclusivamente urbanas, formadas pelas Escolas Normais urbanas, consideram a nomeação para a escola rural como um degrêdo, uma provação, da qual se devem libertar a todo custo o mais depressa possível.

Não admira que assim seja, nem pretendemos censurar tal atitude, muito compreensível e humana. A grande culpa cabe ao estado de atraso em que se encontra o "interland" brasileiro. *Roça*, entre nós, significa atraso, falta total de confôrto, ignorância, miséria.

Viajando alguns quilômetros da cidade para o interior, andam-se dezenas de anos para trás, no tempo. *Roças* existem, em nosso país, que fazem ainda em pleno século XIX, senão século XVIII, para elas, o tempo parou.

Depois de estudarem e talvez se sacrificarem durante sete anos, as jovens professoras não querem passar para um nível pior de existência, nem suas famílias concordam com isso. Afinal de contas, quem deseja andar para trás, piorar de vida?

Inúmeras vêzes temos ouvido declarações de pais das novas mestras assim: "Fiz todos os sacrifícios para for-

mar minha filha. Gastei o que possuía e o que não possuía. E agora, que tenho a alegria de vê-la diplomada, após 7 anos de luta, é para perdê-la, sabendo que ela vai sofrer privações na roça? Prefiro vê-la desistir do magistério!"

Não é bem assim. De regra geral, a nova mestra não vai "passar privações" na roça. Muitas vêzes até a alimentação, o clima, a beleza panorâmica da roça são melhores que os da cidade onde a môça estudou. A prova é que quando os cidadãos querem recuperar a saúde abalada, vão... para o campo.

O que faz falta, acima de tudo, às professoras urbanas nomeadas para a roça é o *meio*. Cada criatura humana vive mergulhada num *meio ambiente* e num *sistema de vida*. O meio é a sua família, sua comunidade, sua igreja. O sistema de vida são seus hábitos sociais, suas relações, a troca de visitas, de idéias, de confidências íntimas. Dêsse sistema de vida fazem parte ainda as festas, os clubes, os cinemas, os programas de rádio e televisão preferidos. O desaparecimento de tudo isso, quando a nova professora se desloca da cidade para a roça, é que dá a sensação de destêrro, de abandono.

A conseqüência é que a professora urbana designada para a zona rural só tem um pensamento: voltar, voltar o mais depressa possível, para sua família, para seu mundo. E com êsse desajustamento da professora em face do meio rural quem perde é a escola, são as crianças do campo.

Por tudo isso defendemos há muitos anos o ponto de vista de que as professoras para as escolas rurais devem ser formadas em escolas especiais, as *Escolas Normais Rurais*. É simplesmente uma questão de ajustamento: precisamos preparar as professoras para o ambiente em que vão viver. Formemos as mestras de tal maneira que elas não sejam mais as "intrusas", as "deslocadas", mas sim verdadeiras *líderes rurais*.

Naturalmente a primeira condição para isso é que as alunas das Escolas Normais Rurais sejam, como regra geral, moças do interior, oriundas da própria zona rural. Para ingressar nessas Normais Rurais seria condição fundamental a candidata viver no interior, ter sua família morando lá e comprometer-se, depois de formada, a lecionar um certo número de anos na zona rural.

Não sendo nosso desejo escravizá-las no campo, findo o período de compromisso, as professoras rurais mediante um curso de complementação e um concurso, ficariam livres para lecionar onde quisessem, tendo direito à transferência para as cidades, se assim fôsse do seu agrado.

Tal sistema ofereceria duas vantagens importantíssimas para a educação brasileira:

Primeira: o ajustamento da professora ao meio; as escolas rurais seriam providas por professoras oriundas da própria zona rural, desejosas de continuar a viver no seu meio rural, no seio da sua família, no seu mundo.

Segunda: a professora receberia na Escola Normal Rural conhecimentos e treinamento especiais sobre os assuntos da vida rural (agricultura, criação, indústrias rurais, Sociologia Rural, Higiene Rural, etc.), de maneira a poder transformar-se em *líder rural* na sua localidade, capaz de ser ouvida e acatada, e de colaborar intensamente para o progresso da comunidade.

Para se atingirem tais objetivos seria obrigatório que as Escolas Normais Rurais se situassem sempre no interior, no seio de fazendas, em regime de internato, vivendo a vida das fazendas e possuindo horta, pomar, lavoura, criação de gado, avicultura, apicultura, etc., etc., tudo levado a efeito pelas próprias alunas.

Só conhecemos uma Escola assim no Brasil: a Escola Normal Rural da Fazenda do Rosário, em Minas

Gerais, de que falamos no § 15. É possível que outras existam, mas delas não temos conhecimento. Com prazer o registraremos, se nos forem noticiadas.

§ 18) VOCAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO

O melhor sistema de formação profissional para o magistério, organizado com todos os requisitos citados neste capítulo e outros mais, que a capacidade da Escola Normal acrescente, não realizará, no entanto, o milagre de formar um bom professor se não existir no aluno esta pequena cousa que se chama — *a vocação*.

Não sabemos até hoje definir exatamente o que seja *vocação*: mas conhecemos os seus efeitos; é aquela força interior que leva uma pessoa a se dedicar de corpo e alma a uma tarefa, obra ou profissão.

No caso do magistério primário, *vocação* é, acima de tudo, *amor à criança*, amor à arte de ensinar; capacidade de se emocionar diante dos progressos realizados por um aluno; espírito de compreensão e paciência; capacidade de “conquistar” os alunos, de fazê-los se entusiasmarem; e, enfim, capacidade de transmitir com simplicidade, clareza e objetividade.

Tais qualidades podem ser desenvolvidas e orientadas na Escola Normal, jamais podem ser *criadas* no indivíduo, se não fazem parte do seu próprio “eu”. É, aliás, o que acontece com tôdas as profissões especializadas: não se pode fazer de qualquer indivíduo um bom médico ou um bom oficial da Aeronáutica, segundo apenas nossos desejos.

É por tal motivo que vemos tantas vezes môças preparadas, cultas e até bondosas falharem no exercício do magistério primário: porque lhes falta a *vocação*.

O pior é que *vocação* não se mede através de exames vestibulares nem provas escritas senão muito fracamente. Daí a necessidade de a Escola Normal reproduzir na

sua vida interna, tanto quanto lhe fôr possível, o ambiente da vida de magistério. As futuras mestras precisam ter muitas oportunidades de dar aulas, de colaborar em todos os trabalhos da Escola Primária de Aplicação, de ficar em contato com as classes primárias, com as respectivas professoras e com os alunos das mesmas.

Através dessas *vivências* no decorrer do curso da Escola Normal é que a aluna-mestra vai sentir se tem ou não *vocação* para o magistério.

§ 19) CURSOS DE TREINAMENTO

Até agora nos referimos à formação profissional do professor regular, isto é, daquele que ingressa numa Escola Normal e aí faz seu curso durante 7 anos. Mas é preciso também considerarmos o caso daqueles quase 100.000 professores-leigos existentes no Brasil.

Não podemos prescindir da sua colaboração durante muitos anos ainda. Talvez pelo contrário, seja necessário admitir um número maior de leigos, se quisermos dar educação primária a todos os brasileiros (como determina a nossa Constituição), pois ainda há mais de 4.000.000 de crianças sem escola primária, e a produção de diplomados das nossas Escolas Normais é insuficiente para cobrir as necessidades do país.

O remédio, portanto, será os Governos estaduais e talvez as Prefeituras municipais organizarem *curso de treinamento* para esses quase 100.000 professores-leigos existentes, a fim de que melhor possam desempenhar sua missão. Já dissemos que se há no seio desse magistério leigo milhares de moças absolutamente incapazes, também há muitos milhares de moças e de senhoras dedicadas, que vêm consagrando sua vida à educação das crianças e que poderão ser boas professoras, desde que bem orientadas.

Esses *curso de treinamento*, promovidos pelos Estados e municipalidades, teriam a duração de seis meses ou de um ano. Funcionariam, de preferência, no interior do Estado, e em regime de internato, se possível numa fazenda. Como a maioria das professoras-leigas provêm das escolas rurais, seria essa a forma de não as desajustar, numa escola de grande cidade (que constituiria forte tentação para as moças não quererem voltar para suas escolinhas rurais). Seria também a única maneira de permitir que as professoras-leigas recebessem ensinamentos práticos de agricultura, indústrias rurais, etc., que pudessem aplicar posteriormente em suas escolas.

Tais cursos de treinamento versariam sobre Português, Matemática e Conhecimentos Gerais, ao nível da 4.^a série primária, e Prática de Ensino, exclusivamente. Nada de teoria, pois as alunas (professoras-leigas) não teriam base para aprender Psicologia, Biologia, Sociologia, Pedagogia, tudo isso em seis meses. Daí não os denominarmos cursos de *formação*, preferindo a palavra *treinamento*, que define o caráter absolutamente *prático*, de emergência, do curso.

O Estado de Minas Gerais já mantém há muitos anos esses Cursos de Treinamento para professoras-leigas, entre os quais um, o pioneiro, na Fazenda do Rosário, próximo à Escola Normal Rural. A convite do governo mineiro, o autor deste livro fez palestras no citado Curso de Treinamento e pôde verificar o magnífico resultado desses cursos, que produzem decidida melhoria na qualidade do ensino ministrado pelas moças ali treinadas. Igualmente a Campanha Nacional de Educação Rural do MEC (Ministério de Educação e Cultura) tem promovido utilíssimos cursos de treinamento para professores-leigos.

Se todos os Estados realizassem tais cursos de seis meses de duração, teríamos nada menos de 40 cursos por ano, permitindo que dentro de breves anos não houvesse mais professoras sem preparo nenhum.

Os cursos de treinamento poderiam também se articular dentro de um plano, de modo a que a professora se fôsse aperfeiçoando paulatinamente, com a assistência a vários cursos consecutivos.

Completando êsse trabalho de preparação, seria necessário que se baixassem leis e regulamentos severos, em todo território nacional, proibindo terminantemente a nomeação de novas professoras-leigas sem que prestassem *exame de suficiência* (a saber: prova escrita de nível da 4.^a série primária e prova de aula).

§ 20) CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

A formação profissional do professor, na Escola Normal, deveria ser seguida de outro curso: o Curso de Administração Escolar. Sua duração seria de três anos, tendo como finalidade preparar *Diretores de Escola* (como, aliás, determinava a "Lei Orgânica do Ensino Normal", baixada pelo Governo Federal e que nunca foi obedecida).

Tais "Cursos de Administração Escolar", que se realizariam nos Institutos de Educação de cada Estado, versariam principalmente sobre Administração Escolar, Psicologia, Sociologia e Biologia Educacional, Estatística Escolar e Técnicas de Verificação da Aprendizagem (organização, aplicação e correção de provas).

Para matricular-se no curso seria exigido que o professor primário tivesse, pelo menos, três anos, ou cinco anos, de exercício efetivo à frente de uma classe.

Ao fim de certo período de anos, seria então proibido que qualquer pessoa fôsse diretor de escola primária se, além do curso pedagógico não possuísse também o curso de administrador escolar.

Alguns Estados já organizaram Curso regular para Administradores Escolares: Guanabara, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais e outros.

Por outro lado deveriam existir, nos Institutos de Educação, *Cursos de Orientação Educacional*, aos quais só seriam admitidos professores primários efetivos, com mais de três anos de exercício à frente da classe.

Tais cursos se destinariam a formar *Orientadores Educacionais*, isto é, os especialistas em tratamento de alunos difíceis, crianças-problema e desajustamento de todo gênero.

É um erro e uma utopia em que recaem quase todos os tratadistas, pretenderem que a professora de classe "não castigue os alunos indisciplinados, mas sim verifique as causas da indisciplina, através da pesquisa psicológica, das entrevistas com os pais, na escola, e das visitas que a mestra deve fazer às famílias dos alunos".

Quando irá o mestre chamar o aluno para ouvi-lo em sucessivas e longas entrevistas? Quando conversará com os pais? Alguns minutos antes de entrar para sua classe? E para visitar as famílias, como fará? Trabalhará à noite e aos domingos?

Seria um contrassenso pretender que o professor, depois das aulas, extenuado, tendo que corrigir cadernos, preparar as aulas do dia seguinte, reunir material, etc., ainda fôsse obrigado a cuidar longamente de cada aluno desajustado, um por um, além de andar quilômetros pelas estradas (na zona rural) ou subir morros e varar favelas (nas cidades), em procura das casas de seus alunos, para verificar, em cada família, as causas do desajustamento do garoto!

Caberia, portanto, aos *Orientadores Educacionais*, preparados especificamente para essa tarefa, cuidar dos desajustamentos escolares, casos de alunos rebeldes, turbulentos, vadios, faltosos, apáticos, revoltados, etc. etc. E ainda colaborar para o melhor encaminhamento de

cada criança, segundo sua constituição, temperamento, caráter e pendores vocacionais.

O trabalho dos orientadores educacionais seria ainda completado pelo ação benfazeja do *Serviço Social Escolar*, a ser criado em todos os sistemas educacionais brasileiros, como já existe em tantos países estrangeiros. Caberia ao assistente social escolar estabelecer esse elo entre a escola e a família, estudar os casos de *desajustamento familiar*, causa da maioria dos desajustamentos na escola, e procurar dar-lhes a melhor solução.

O Serviço Social Escolar já é uma nova especialidade, cujos executantes, os assistentes sociais, são formados nas Faculdades de Serviço Social, em nível técnico superior. (1)

Não sendo possível às escolas brasileiras possuírem até agora um educador exclusivo, para cuidar da orientação de seus alunos, muito menos lhes será permitido possuírem dois elementos — o *orientador educacional* e o *assistente social*. Por enquanto, ficaríamos muito felizes se houvesse um só desse educadores, que exerceria, cumulativamente, os dois papéis.

§ 21) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Mostrar o pouco caso existente pelo ensino no Brasil, desde a colônia até pouco tempo atrás.
2. Como era o preparo dos professores primários no Brasil de ontem.

(1) Já existem no Brasil quase 30 Faculdades de Serviço Social, espalhadas por todos os Estados, e dia a dia o Serviço Social vai tomando mais importância no país.

3. Situação atual do magistério primário (números e percentagens).
4. Desvantagens do professor leigo; mas sua necessidade em nosso país.
6. Explicar a importância dos estágios no Ensino Pedagógico ou Normal.
5. Organização do currículo das Escolas Normais brasileiras: curso básico e curso de formação.
7. A Escola Normal precisa criar *vivências* sociais e pedagógicas em seus alunos. Explicar o que significa isso.
8. O Clube Pedagógico: sua finalidade, importância e funcionamento.
9. Importância e finalidade da Escola Normal Rural.
10. SUA ESCOLA NORMAL JÁ TEM UM CLUBE PEDAGÓGICO? SE NÃO, POR QUE VOCÊS NÃO O FUNDAM AGORA?
11. Que se entende por VOCAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO? Que qualidades ela envolve?

§ 22) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AMARAL FONTOURA — “Fundamentos da Educação”, volume I da Coleção “A ESCOLA VIVA”; Editôra Aurora, 5.ª edição, 1960.
2. BACKHEUSER, E. — “O Professor”; Editôra Agir; Rio, 1946.

3. PEIXOTO, Afrânio — "História da Educação"; Editôra Nacional; São Paulo, 1933.
4. RODRIGUES, Milton da Silva — "Educação Comparada"; Editôra Nacional; São Paulo, 1938.
5. SCHMIEDER — "Didáctica General"; Madrid, 1932.

CAPÍTULO III

A Carreira do Professor — Como é e como deveria ser

Ficha-resumo:

§ §

23. **Como é a carreira do professor primário** — Cada Estado organiza seu próprio sistema de ensino primário. Professôres em cargos isolados.
 - Vantagens e desvantagens do aumento automático por tempo de serviço. O sistema que propomos.
 - Necessidade do almanaque do magistério. O que se deve apurar, como mérito do professor.
24. **Como deveria ser a carreira do professor primário**
 - Necessidade de uma carreira, semelhante à militar.
 - Equivalência: 2.º tenente = professor; 1.º tenente = coordenador; capitão = diretor; major = supervisor; tenente-coronel = técnico de educação; coronel = assessor de educação. — Promoção de um cargo para outro sempre mediante habilitação em curso e concurso.
 - Atribuições do professor, do coordenador, do diretor, do técnico e do assessor de educação.
 - É preciso entregar a educação aos educadores!
25. **Tópicos para debate.**
26. **Leituras complementares.**

§ 23) COMO É A CARREIRA DO PROFESSOR PRIMÁRIO

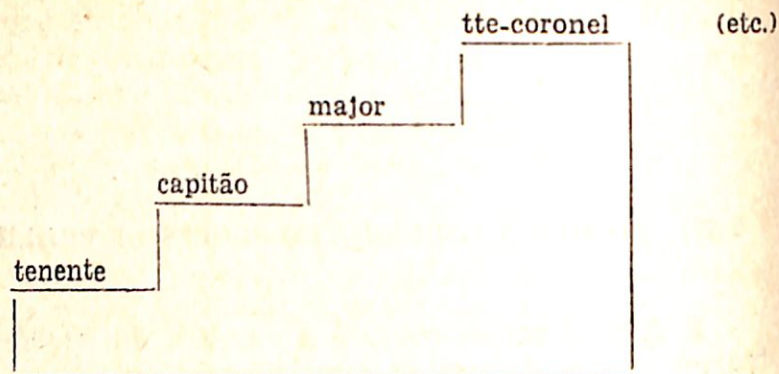
É fácil dizer-se como é a carreira do mestre primário: difícil é dizer-se como deveria ser.

Conforme todos sabem, o ensino primário no Brasil é de âmbito estadual. A União não legisla sobre a educação primária. Recentemente a "Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional" (dezembro de 1961), estabeleceu os princípios gerais a que deve obedecer o ensino primário brasileiro (1). Mas cada Estado organiza suas próprias leis, currículo e quadros do magistério primário. Quase todos os municípios também o fazem, de maneira que, como regra geral, existem em cada município dois sistemas escolares independentes: o estadual e o municipal.

Não existe, pois, uma "carreira do professor" unificada, única no Brasil inteiro, como sucede, por exemplo, com a "carreira militar".

De regra comum não existe mesmo "carreira" de professor. "Carreira" significa uma série de postos ou graus hierarquizados. Exemplo:

(1) NOTA DO EDITOR — Todo professor e diretor de escola deve conhecer a "Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional". Esta Editora publicou um volume com o texto completo da lei, sendo cada artigo comentado pelo Professor Amaral Fontoura, que, além disso, apresenta na "Introdução" uma profunda e corajosa análise do sistema educacional brasileiro.



Em quase todos os Estados existem três categorias de professor primário:

- o substituto,
- o extranumerário ou contratado,
- o efetivo (diplomado).

Mas isso não significa "carreira", pois o substituto não é promovido a contratado, nem este a efetivo.

Em alguns Estados os professores do quadro, isto é, os efetivos, são classificados em letras alfabéticas: classe "A", classe "B", classe "C", etc. A promoção de classe se faz através do critério do merecimento e tempo de serviço.

Outros Estados, julgando que é praticamente impossível apurar merecimento entre 5.000 ou 10.000 funcionários que realizam a mesma tarefa nas condições as mais diversas, quando não opostas, resolveram colocar todos os professores em "cargos isolados", não havendo promoções, mas sim aumentos de vencimentos por tempo de serviço, isto é, de 2 em 2, ou de 3 em 3, ou de 5 em 5 anos.

O sistema dos "quinquênios", que é o mais usado, apresenta grandes vantagens e não menores desvantagens.

A *vantagem* é que todos os professores, já que realizam a mesma tarefa, recebem aumentos semelhantes em tempos iguais. É um princípio de justiça. Acaba com o regime anterior das "promoções por merecimento" em que "merecimento" era sinônimo de "proteção política", de "filhotismo", de amizade com o Diretor Geral, etc. Só um pequeno número de felizardos alcançava a promoção. Os demais vegetavam 20 ou 30 anos no mesmo cargo, sem lograr jamais uma melhoria de vencimentos.

A *desvantagem* é que se todos os mestres recebem o mesmo aumento na mesma unidade de tempo (de 5 em 5 anos), não há necessidade de um se esforçar mais do que outro. Os professores terão que trabalhar bem, estudar, preparar suas aulas, fazer cursos de aperfeiçoamento, tudo apenas por *ideal*, sem nenhuma recompensa material. E não podemos pretender que todos os 200.000 professores primários brasileiros sejam idealistas...

É preciso que o mestre possua uma grande força propulsora interna, uma enorme *vocação*, para continuar lutando contra a indiferença do meio e contra a "lei do menor esforço", que tende a dominar as criaturas humanas, sabendo que dessa dupla luta não receberá nenhuma recompensa senão a consciência do dever cumprido, a alegria de saber que está realizando uma grande missão para a sua Pátria.

Parece-nos que o ideal seria combinar, se possível, os dois sistemas: o do aumento automático por tempo de serviço com o das promoções. Em outras palavras: poder-se-ia voltar à época da classificação por letras, correspondendo aos quinquênios, mas com intervalos de letras, que permitam a promoção por merecimento. Exemplo:

Ingresso na carreira — na letra "A"
 Com 1 quinquênio — Promoção para a letra "C"
 Com 2 quinquênios — Promoção para a letra "E"
 Com 3 quinquênios — Promoção para a letra "G"
 Com 4 quinquênios — Promoção para a letra "I"
 Com 5 quinquênios — Promoção para a letra "K"

De uma letra para outra o aumento seria de 20%; assim a letra "C" seria igual aos vencimentos de "A" mais 20%; "E" mais 40%, "G" mais 60%, "I" mais 80% e finalmente "K" mais 100%. Em outras palavras: quando o professor houvesse chegado ao fim da carreira, após anos de magistério, teria dobrado seus vencimentos iniciais.

Todos os mestres ingressariam na letra "A" e no fim de 5 anos todos seriam promovidos à "C", automaticamente, isto é, ao completarem o primeiro quinquênio de serviço. Mas, *por merecimento*, um professor poderia, ao fim de dois, três ou quatro anos, ser promovido à letra "B". Ficaria nessa letra até completar o 1.º quinquênio, quando seria promovido, com todos os seus demais colegas, à letra "C".

A apuração do merecimento permitiria que o mestre permanecesse menos de 5 anos na mesma letra. Mais do que uma vantagem de ordem financeira, essa promoção abreviada seria uma recompensa moral, uma forma de o Estado demonstrar sua gratidão pelo professor que se mostrava mais dedicado, mais esforçado na luta pela educação do povo brasileiro.

Seria necessário, no entanto, que se expulsasse completamente o horroroso regime do "pistolão", estabelecendo-se obrigatoriamente a apuração do merecimento através do *Almanaque do Magistério*, assim como já existem o "Almanaque Militar" e o "Almanaque Diplomático". Esse "Almanaque" registraria anualmente o resultado da apuração das fichas de merecimento de cada professor, que incluiriam, por exemplo:

- I) Cursos de aperfeiçoamento que tivesse feito, com bom resultado;
- II) Trabalhos publicados (livros, artigos de revista, etc.);
- III) Aplicação na sua classe de métodos didáticos modernos, incluindo jogos, dramatizações, planos de trabalho, etc., etc.;
- IV) Assiduidade às aulas;
- V) Trabalhos de aplicação e correção de provas, realizados com eficiência.

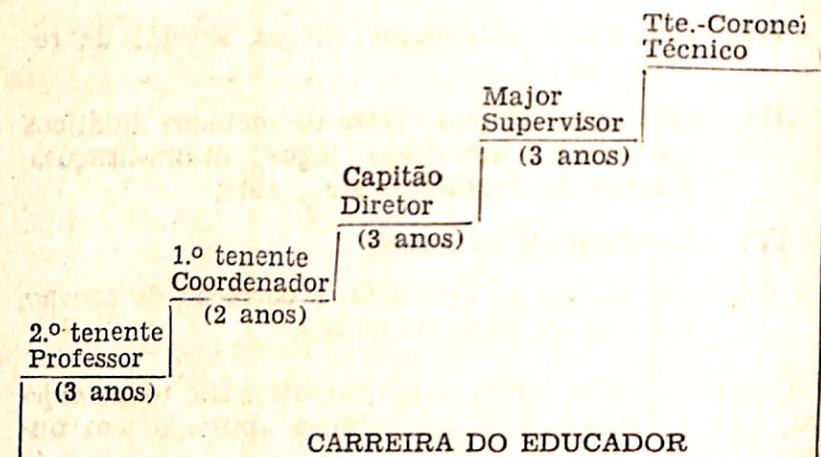
Como se vê, os cinco itens propostos são todos *objetivos*, isto é, suscetíveis de rigorosa apuração em números.

Não colocamos entre os critérios para a promoção do professor a percentagem de alunos promovidos no fim do ano (como se fazia antigamente) porque seria bastante injusto: o mestre que assume uma turma de alunos selecionados, de alto nível, apresenta ótima percentagem, ao passo que tendo a seu cargo uma classe de elementos fracos, difíceis, retardados, apresenta baixa percentagem. Além disso haveria, para alguns, a tentação de fazer passar todos os alunos, no fim do ano, e assim alcançar alta percentagem de promoções...

§ 24) COMO DEVERIA SER A CARREIRA DO EDUCADOR

Independente das promoções por tempo de serviço, ou combinando tempo de serviço e merecimento, vimos há muito tempo afirmando que o magistério primário deveria ser uma carreira, escalonada em graus, ou degraus, tal como acontece nas forças armadas (que citamos como exemplo por serem a instituição mais organizada do Brasil).

Sugerimos que haja o seguinte paralelismo:



Note-se que êsse paralelismo é apenas para facilitar a compreensão, não significando que a professora primária deva obrigatoriamente ganhar os mesmos vencimentos que um oficial das forças armadas.

Eis como imaginamos a nossa carreira:

1.º grau — PROFESSOR — Ingresso no quadro de professores mediante apresentação do diploma de Instituto de Educação ou Escola Normal oficializada. Havendo número maior de candidatos do que vagas, ingresso mediante *concurso* de provas, ou de títulos e provas. O mesmo ocorreria se houvesse problema de escolha de escolas: os professores que obtivessem maior número de pontos em concurso teriam direito de escolher a escola de sua preferência.

No Estado do Rio de Janeiro já há mais de 10 anos vigora com grande êxito êsse sistema: as professoras têm o direito de escolher livremente a escola que preferem, dentre as vagas existentes, mediante a classificação que obtiverem no "Concurso de Ingresso no

Magistério". O sistema vem produzindo ótimos resultados: humildes professoras, formadas por Escolas Normais do interior do Estado, têm por vêzes alcançado as melhores classificações no concurso, escolhendo a escola que melhor lhes convém, sem precisarem de recorrer a nenhum "pistolão" político.

Igualmente a transferência ou remoção das professoras, após 2 anos de permanência numa escola, vem sendo realizada no Estado do Rio mediante o "Concurso de Remoção" através do qual a professora escolhe o estabelecimento para o qual deseja transferir-se, dentre os que estão vagos.

2.º grau — COORDENADOR DE ENSINO — Após 3 anos, no mínimo, de regência de classe, o professor primário poderia inscrever-se no curso de "Coordenador de Ensino", e, se aprovado no final do curso, passar para êste novo quadro. O Coordenador de Ensino tem a seu cargo não uma classe, como o professor mas um grupo de classes da mesma série, cujo ensino êle orienta. Exemplo: o Coordenador da 1.ª série do Grupo Escolar "Rui Barbosa" teria a seu cargo a orientação dos trabalhos de tôdas as classes de 1.ª série dêsse Grupo Escolar.

A finalidade do Coordenador é orientar as professoras de classe, estimulá-las, ajudá-las a construir o material didático, sugerir o emprêgo de métodos e técnicas de ensino adequados, bem como de novos jogos, exercícios e testes.

Quando fôr pequeno o número de turmas da mesma série de um Grupo Escolar, a Coordenadora poderá sê-lo de várias escolas do bairro ou mesmo da cidade. Exemplo: Coordenadora da 4.ª série do bairro do Brás (em São Paulo), ou dos bairros de Flórida e Concórdia (em Belo Horizonte), ou da 3.ª série da cidade de Petrópolis (onde existem 5 Grupos Escolares).

3.º grau — DIRETOR — Após dois anos como Coordenador, o professor teria direito a inscrever-se no

"Curso de Administração Escolar". Ninguém poderia entrar nesse curso, portanto, sem ter, no mínimo, cinco anos de magistério (três como professor e dois como coordenador). Terminando o curso com bons resultados, teria o professor direito a ser nomeado Diretor de escola primária (Grupo Escolar). Sendo maior o número de diplomadas nesse curso do que o de cargos de diretora vagos, far-se-ia concurso (somente de títulos, ou de títulos e provas).

Conforme dissemos, a "Lei Orgânica do Ensino Normal", que vigorou de 1946 a 1961, determinava a criação dos Cursos de Administração Escolar, para a formação de diretoras de escola, mas a verdade é que até hoje nem meia dúzia de Estados cumpria esse preceito legal. Sabemos o quanto, no interior do país, o cargo de Diretora de Grupo sofre as pressões políticas e desejamos que a única maneira de alguém conseguir a ambicionada nomeação de Diretora seja essa: curso e concurso.

A nova "Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional" em vigor a partir de janeiro de 1962, estabelece apenas que "os Institutos de Educação... ministrarão cursos de administradores escolares..." (art. 55).

Note-se que não nos referimos a "cursos avulsos" nem a "cursos de férias" de Administração Escolar, com duração de um mês, mas sim ao curso regular, previsto na lei, com a duração de dois ou três anos, tempo em que as professoras ficariam desligadas de suas escolas e designadas para o Curso de Administração Escolar, com obrigação de darem tempo integral, isto é, passarem o dia todo estudando, trabalhando, lendo, pesquisando na sede do Curso.

4.º grau — SUPERVISOR — Preferimos o termo "Supervisor" ao antigo e antipático "inspetor escolar" ou "fiscal de ensino". Estas denominações lembram o indivíduo (em geral sem preparo algum, sabendo muito menos que as professoras) que chega à escola apenas para verificar "se está funcionando", quantos alunos

se acham presentes, lavrar o "térmo de visita" e ... no fim de cinco minutos ir-se embora.

Eis o "térmo de visita" lavrado por um Inspetor Escolar após uma visita de cinco minutos (autêntico):

"Visitei hoje esta escola. Encontrei 17 alunos do sexo masculino e 13 do sexo feminino. A professora estava presente. Tudo em ordem."
(assinado) Fulano, Inspetor.

— Não se parece essa atitude com aquela que os fiscais de bondes fazem, pulando de um veículo para outro e registrando na papeleta de cada um: 17 passagens inteiras e 13 meias?

A escola primária não melhorará com a presença de inspetores ou fiscais, mas sim com a de supervisores, orientadores, conselheiros. O de que a escola precisa é de técnicos competentes, que venham verificar o trabalho educativo realizado, estimular as professoras, sugerir métodos, iniciativas e atividades que melhorem a atuação da escola, examinar os problemas sociais e pedagógicos, e, enfim, propor soluções que beneficiem os alunos, os professores e a própria comunidade.

Para tudo isso o antigo "inspetor escolar" ou "fiscal de ensino", nomeado pelo processo quase exclusivo do "pistolão", evidentemente não serve. Precisa ser substituído pelo *Supervisor*, especialista em problemas pedagógicos em geral e *didáticos* em particular.

Mas não é bastante que o Supervisor seja alguém que tenha "conhecimento" dos problemas educacionais e sim que tenha a *vivência* desses assuntos. Será a única maneira de poder o Supervisor aconselhar soluções práticas, objetivas, de acordo com a realidade.

Eis por que, propomos seja o Supervisor um elemento do próprio magistério, que haja iniciado sua vida como professor primário, depois passado a Coordenador, promovido a Diretor e finalmente promovido

a Supervisor, depois de atravessar, no mínimo, três anos como professor, dois anos como Coordenador e três anos como Diretor, num total de oito anos de magistério, no mínimo.

O cargo de Supervisor seria resultante da promoção de Diretor de escola, após um curso de especialização em Psicologia Educacional, Sociologia Educacional, Biologia Educacional, Didática Geral, Didática Especial, Estatística Escolar e, talvez, Prática de Ensino. Terminado o curso com bom resultado, segundo o número de vagas, o candidato prestaria concurso e seria, então, nomeado Supervisor.

Os Supervisores teriam a seu cargo a orientação pedagógica, social e didática de um grupo de escolas, constituindo conforme o número das mesmas, um município, um Distrito ou Região Educacional. Em cada município, distrito ou região haveria uma sede educacional, onde se concentrariam tantos supervisores, sob a chefia de um Técnico de Educação.

A supervisão poderia ser feita por escolas, ou por especialidades; no primeiro caso, cada Supervisor teria um certo número de escolas da região ou distrito a seu cargo. No segundo caso, um Supervisor se especializaria em Linguagem, outro em Ciências, outro em Instituições Escolares, outro em Educação Rural, e assim sucessivamente. Nem seria impossível a conjugação dos dois sistemas: cada Supervisor teria um grupo de escolas, mas além disso um seu colega percorreria todos os estabelecimentos da região, exclusivamente para dar apoio, incremento e assistência às Instituições Escolares. Outro colega se incumbiria de estimular o ensino de Linguagem, apresentando novas técnicas, novas sugestões, novos modelos. Um terceiro colega realizaria o mesmo em relação ao ensino da Matemática.

5.º grau — TÉCNICO DE EDUCAÇÃO — O cargo de Técnico de Educação seria o coroamento da car-

reira do educador. Elevado ao grau máximo da carreira pedagógica, competiria ao Técnico de Educação estudar, planejar e resolver os problemas educacionais no seu mais alto escalão. O Corpo Técnico equivaleria ao "Estado Maior", assessorando o supremo dirigente da Educação em cada Estado, que é o seu Secretário de Educação e Cultura. Além disso, em cada distrito ou região haveria um Técnico de Educação dirigindo os Supervisores daquela região. Todos os Departamentos, Divisões e Serviços das Secretarias de Educação deveriam obrigatoriamente ser dirigidos por Técnicos de Educação, mediante imposição da Lei, de tal forma que nenhum Secretário de Educação pudesse rodear-se senão de educadores altamente qualificados.

6.º grau — ASSESSOR DE EDUCAÇÃO — Em Estados maiores, como São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul e outros, deve existir um 6.º degrau na escada, o de Assessor de Educação, equivalente a coronel. Nesse caso, os Técnicos de Educação seriam os chefes de município, distrito ou região escolar. E os Assessores de Educação seriam o Estado Maior do Secretário de Educação, servindo junto ao seu gabinete e dirigindo os serviços educacionais do Estado.

O que acontece até hoje em nosso país é que, de regra geral o Secretário de Educação não é um educador, mas sim um político. Nada teríamos a opor a esse sistema, se o Secretário estivesse rodeado de Técnicos, que indicassem as soluções mais adequadas a cada problema. Mas o fato é que muitas vezes o Secretário, não-educador, se rodeia de elementos amigos também não-educadores, e a Secretaria de Educação passa a ser uma máquina de nomear, transferir, licenciar, designar... inteiramente alheia aos assuntos da Pedagogia, da Didática e da cultura do povo.

É incrível que os Departamentos, Divisões e Serviços da Secretaria de Educação não sejam dirigidos por Técnicos de Educação. — Pode alguém imaginar que

os Departamentos do Ministério da Guerra não sejam dirigidos por militares? Ou que os Serviços de Saúde Pública não sejam dirigidos por médicos? Ou que os serviços de Engenharia não sejam dirigidos por engenheiros? Como se admitir que os Serviços de Educação sejam dirigidos por pessoas inteiramente ignorantes em matéria de Educação?

O cargo de Técnico de Educação seria ocupado por Supervisores que, depois de três anos, no mínimo do exercício dessa função, fariam o curso especializado, assim como nas Forças Armadas os oficiais de alta patente se matriculam na Escola de Estado Maior e fazem um curso puxadíssimo, para terem direito a atingirem o posto de general.

Veja-se que maravilha de organização é o Exército Brasileiro: 1.º) o jovem ingressa na Academia Militar e sai oficial. 2.º) Depois tem que entrar na Escola de Aperfeiçoamento, para poder ser promovido. 3.º) Depois precisa fazer a Escola de Estado Maior, para galgar os postos mais altos e, finalmente, 4.º) Faz o curso da Escola Superior de Guerra, para atingir os supremos postos das Forças Armadas! Nenhum oficial pode matricular-se como aluno da Escola Superior de Guerra se não tiver o posto de Coronel ou de General! Nenhum aluno dessa Escola tem menos de 45 ou 50 anos!

Enquanto essa maravilhosa organização existe no Exército brasileiro, vemos, no setor importantíssimo da Educação os dirigentes supremos serem nomeados muitas vezes sem entenderem de Educação, rodeados de chefes e diretores que também não são educadores, dirigindo professores primários que em quase metade dos casos também são leigos, isto é, não são professores!

Em certas ocasiões juntam-se num Estado, ao mesmo tempo: o político não-educador como Secretário, os protegidos políticos como "técnicos" (?) e moças incultas como "professôras" (?). Dessa mistura quem sofre as terríveis conseqüências é o bom povo brasileiro.

Precisamos trabalhar com afincado e tenacidade para extinguir esses quadros tristes que não raro deprimem certos setores da Educação brasileira.

Mas voltemos ao caso dos Técnicos de Educação e Assessôres de Educação: estes seriam, assim, exclusivamente educadores de grande valor, depois de 11 anos de *vivência* dos problemas educacionais, e de haverem passado por cinco cursos: 1) Curso Normal ou Pedagógico, 2) Curso para Coordenadores de Ensino, 3) Curso de Administração Escolar, 4) Curso de Supervisão Educacional e 5) Curso Superior de Pedagogia.

É de notar que os cursos 1, 2 e 3 são de *nível médio*, o curso n.º 5 deveria ser de *nível universitário* (feito nas Faculdades de Filosofia) e o curso n.º 4 poderia, a critério de cada Estado, ser de nível médio ou superior.

No dia em que pudéssemos realizar esse ideal da *carreira do professor*, ou melhor dizendo, da *carreira do educador*, teríamos dado um grande impulso ao desenvolvimento cultural do Brasil, até hoje tão entravado por criaturas que ocupam muitos dos postos-chave da Educação nacional sem nada entenderem de Educação.

Nosso lema deve ser esse:

Entregar a educação aos educadores!

§ 25) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Que se entende como "carreira"? Existe a "carreira" de professor primário?
2. Vantagens e desvantagens do sistema de "aumentos quinqüenais" para todo professorado.

3. O "almanaque do magistério": que é e como deveria funcionar. Títulos do professor a serem considerados.
4. Trace o esquema da "carreira do educador", tal como foi sugerido neste livro.
5. Explique quais devem ser as funções do professor, do coordenador de ensino, do diretor, do supervisor, do técnico de educação e do assessor de educação.

§ 26) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AGUAYO, A. M. — "Filosofia da Educação"; Saraiva & Cia.; São Paulo, 1937.
2. AMARAL FONTOURA — "Fundamentos de Educação"; volume I da Coleção "A ESCOLA VIVA"; Editôra Aurora; 5.^a edição; Rio, 1960.
3. BACKHEUSER, Ev. — "O Professor"; Editôra Agir; Rio, 1946.
4. SANTOS, Teobaldo M. — "Manual do Professor Primário"; Editôra Nacional; São Paulo, 1948.

UNIDADE II

PEDAGOGIA E DIDÁTICA

CAPÍTULO IV

Conceito e Objeto da Pedagogia e da Didática. As Ciências Pedagógicas. Didática Geral e Especial

Ficha-resumo:

§ §

27. **Como surgiu a Pedagogia** — Educação é a transmissão da herança cultural de geração a geração. Quando essa transmissão não pôde mais ser feita diretamente, surgiu a Pedagogia. Depois surgiu a escola. Pedagogia é a Ciência da Educação.
28. **Objeto da Pedagogia** — Seu objeto é a criança. Ou: é o estudo do fenômeno educativo. Conceito moderno de Educação: é a preparação do indivíduo para a vida.
29. **A Pedagogia e as ciências pedagógicas** — A Pedagogia cresceu tanto que não é mais uma ciência só e sim um grupo de 14 ciências, chamadas "Ciências Pedagógicas", a saber: Filosofia da Educação, Psicologia Educacional, Sociologia Educacional, Administração Escolar, Didática ou Metodologia, Prática de Ensino, etc. etc.
30. **Pedagogia e Didática** — Pedagogia é a ciência da educação, Didática é a técnica de ensinar. Pedagogia é o todo, Didática é parte desse todo.

(continua)

Ficha-resumo (continuação):

§ §

31. **Conceito de Didática** — É a arte de ensinar, ou a técnica de ensinar. Conceito moderno: é a direção da aprendizagem.
32. **O ensino e a aprendizagem** — A escola só existe para as crianças aprenderem. O mestre só cumpriu sua finalidade quando os alunos aprenderam. O que há de mais importante não é o ensino: é a aprendizagem.
33. **Os dois conceitos de aprendizagem:**
 1.º) PSEUDO-APRENDIZAGEM. Aprender é guardar, é saber de cor, é ter de cabeça. A escola intelectualista desce ao verbalismo e finalmente à decoração. — Sabia tudo e não sabia nadar...
 2.º) APRENDIZAGEM AUTÊNTICA. É aquela que se incorpora à nossa vida. Aprender é modificar-se, é assumir novas atitudes, adquirir novas reações.
34. **Nôvo conceito de Didática** — Diante do nôvo conceito de aprendizagem, a Didática deixou de ser a técnica de ensinar, para ser a técnica de conduzir a aprendizagem. O interesse principal do mestre se desloca da matéria para o aluno.
35. **Autodidatismo** — É o fenômeno de o professor aprender Didática sozinho. Antes de 1930, não havendo Faculdades de Filosofia, todos os professores de ginásio eram autodidatas. Possuindo vocação e capacidade excepcionais, o professor pode ser autodidata.
36. **Objeto da Didática** — Os 5 elementos da Didática:
 o aluno,
 o professor,
 a matéria,
 o método,
 o material.

(continua)

Ficha-resumo (conclusão):

§ §

- Os 4 últimos elementos giram em torno do 1.º: o aluno. Importância do professor na nova Didática.
37. **Divisão da Didática:**
 Didática Geral (estuda os métodos gerais).
 Didática Especial ou Metodologia (estuda os métodos específicos de cada matéria).
38. **Campo da Didática Geral:**
 1. Conhecimento dos sistemas de ensino moderno nos vários países.
 2. Conhecimento dos métodos, processos, formas e modos de ensino.
 3. Estudo do ciclo docente:
 Fase I — Planejamento do ensino
 a) Plano de curso
 b) Plano de unidade
 c) Plano de aula
 Fase II — Direção da aprendizagem
 a) Motivação
 b) Apresentação da matéria
 c) Fixação da aprendizagem
 Fase III — Contrôlo da aprendizagem
 a) Sondagem
 b) Manejo de classe
 c) Retificação da aprendizagem
 d) Verificação da aprendizagem.
39. **Campo da Didática Especial** — Estudo dos objetivos de cada matéria, bem como dos métodos, processos, técnicas, jogos e práticas necessários à melhor aprendizagem de cada uma.
40. **Tópicos para debate.**
41. **Leituras complementares.**

§ 27) COMO SURTIU A PEDAGOGIA

27.1) CONCEITO DE EDUCAÇÃO — Educação é a transmissão da herança cultural de geração a geração. É o sistema através do qual os pais transmitem aos filhos os conhecimentos, atitudes e comportamentos julgados mais adequados. Existem duas formas de transmissão: direta e indireta.

No início do mundo os pais transmitiam *diretamente* aos filhos a cultura, isto é, aquela soma de conhecimentos e atividades necessárias à vida do indivíduo e da comunidade.

Mas, através dos séculos, a existência se foi complicando, tornando mais difícil, e já os pais e as mães, absorvidos pelos seus deveres, não podiam exercer plenamente a função de preparar os filhos para a vida, isto é, de *educá-los*.

Passaram, então, as famílias, a comprarem um escravo especial, a quem entregavam a educação dos filhos. Surgiu, assim, a segunda forma de transmissão cultural, a *indireta*: os pais transmitiam a cultura aos filhos através de um intermediário, o escravo.

Esse escravo-educador se chamou o *pedagogo* (do grego *paidós* = criança, mais *agos*, *agein* = guiar, conduzir). Daí a palavra *Pedagogia*, que etimologicamente significa “a arte de guiar a criança” e pode ser definida como “a arte da educação”, ou, melhor, “a ciência da educação”.

27.2) SURGIMENTO DA ESCOLA — A educação teve, pois, como primeiros agentes (depois dos pais)

os escravos pedagogos. Depois, as famílias poderosas foram escolhendo pedagogos de maior nível intelectual, para a educação de seus filhos: literatos e filósofos. Alguns, apesar de filósofos, foram também escravos, tal como aconteceu com o imortal PLATÃO, um dos maiores gênios que a humanidade já conheceu, e que foi vendido como escravo por um amigo seu (que amigo!!) porque não pudera pagar uma dívida, indo servir como pedagogo-escravo à família que o comprou.

Numa terceira época, ainda na Antiguidade, já numerosas famílias contratavam preceptores para a educação de seus filhos, até que, no despontar da Idade Média, as igrejas e os conventos criaram as primeiras escolas.

A origem dessa palavra também é muito pitoresca: em grego, a palavra *skholé* significa descanso, vagar. Isso porque o estudo era aquilo que se fazia nas horas vagas, aquela atividade que somente podiam ter as criaturas que não trabalhavam. Estudo era quase sinônimo de passatempo de pessoa rica, que não precisava trabalhar.

A escola foi, pois, a agência social surgida no Medievo para desempenhar essa importante função de preparar as crianças para a vida de amanhã.

27.3) CONCEITO DE PEDAGOGIA — Temos aí, em rápidas pinceladas, a própria história da Pedagogia: de início o escravo-pedagogo, depois o pedagogo-filósofo, e finalmente a pedagogia na escola. Aliás, antigamente muitas escolas se chamavam "Pedagogias". Mas à medida que os conhecimentos humanos se desenvolviam, foram os homens verificando que não se podia livremente ensinar qualquer coisa a qualquer criança. Chegou-se à conclusão de que a Pedagogia tinha de subordinar-se às outras ciências do homem.

Então, de "arte de educar a criança", passou-se a definir a Pedagogia como A CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO.

§ 28) OBJETO DA PEDAGOGIA

Tornando-se ciência, a Pedagogia tem que ter um objeto próprio, como tôdas as ciências. Etimologicamente, o objeto da Pedagogia é a criança. Não trata, no entanto, a Pedagogia da criança tôda, isto é, em todos os aspectos da sua vida, pois a Higiene Infantil, a Medicina Infantil (chamada Pediatria), a Biologia Infantil e outras ciências igualmente se ocupam com a criança.

Podemos, então, dizer que o objeto da Pedagogia é o estudo do fenômeno educativo; ou que é a formação educacional da criança. De nossa parte, dentro do ideal de Educação Renovada, que esposamos, dizemos que o objeto da Pedagogia é a preparação do indivíduo para a vida.

§ 29) A PEDAGOGIA E AS CIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Durante vários séculos se considerou a Pedagogia como "a ciência da educação". Mas eis que a partir do século XIX houve tão grande avanço nas ciências ligadas ao fenômeno educativo, a saber, a Psicologia, a Biologia, a Sociologia, etc., com tão profundas repercussões sobre todo processo educativo, que hoje em dia já não é mais possível falar-se "na ciência da educação", mas sim "nas ciências da educação".

A palavra "Pedagogia", como designativa dos estudos educacionais, vem, assim, sendo substituída pela expressão mais compreensiva "Ciências Pedagógicas". Não há mais uma ciência pedagógica, mas sim diversas, como passamos a mostrar no quadro seguinte:

AS CIÊNCIAS PEDAGÓGICAS (ou A PEDAGOGIA)

- | | | |
|---|---|---|
| I) Estudos dos FINS da Educação (disciplinas filosóficas) | { | 1. História da Educação
2. Filosofia da Educação
3. Política Educacional |
| II) Estudo dos PRINCÍPIOS da Educação (disciplinas científicas) | { | 4. Biologia Educacional
5. Psicologia Educacional
6. Sociologia Educacional
7. Estatística Educacional
8. Educação Comparada |
| III) Estudo dos MEIOS da Educação (Disciplinas técnicas) | { | 9. Higiene Escolar
10. Legislação Escolar
11. Administração Escolar
12. Didática ou Metodologia
13. Orientação Educacional
14. Prática de Ensino |

Nas Escolas Normais brasileiras, até 1930, mais ou menos, havia cerca de 10 cadeiras (Português, Matemática, Desenho, Geografia, etc.) das quais uma única se chamava *Pedagogia* e nela se englobavam todos os conhecimentos julgados necessários a uma professora, referentes às 14 disciplinas acima enumeradas.

Hoje, com a divisão muito sábia do Curso Normal em dois ciclos, ficaram as disciplinas *de conteúdo* (Português, Matemática, etc.) para o curso básico, correspondente ao Ginásio, e as disciplinas *de formação* (citadas no quadro acima) para o segundo ciclo, chamado em alguns Estados de "curso de formação", em outros de "curso pedagógico", e em outros ainda de "curso de professores".

§ 30) PEDAGOGIA E DIDÁTICA

Algumas pessoas ainda confundem o assunto, julgando que "Pedagogia" e "Didática" são palavras sinô-

nimas. Já vimos, no quadro acima traçado, que a Didática é apenas uma parte da Pedagogia, ou uma das Ciências Pedagógicas. A Pedagogia é a ciência da Educação, a Didática é a arte de ensinar. A educação é o fenômeno total da formação do homem, da preparação do indivíduo para a vida, enquanto que o ensino é a parte desse fenômeno que se ocupa com a transmissão dos conhecimentos e atitudes que julgamos necessárias aos educandos. Repetimos: *Pedagogia é a ciência da Educação, Didática é a arte de ensinar.*

§ 31) CONCEITO DE DIDÁTICA

A palavra "Didática" vem do grego *didaktikê*, o ensino, que por sua vez se deriva de *didasko*, eu ensino. Como gostamos das definições simples e curtas, costumamos dizer que

Didática é a arte de ensinar.

ou

Didática é a técnica de ensinar.

Mas ouçamos outras definições:

Nosso distinto colega LUIZ ALVES DE MATTOS diz: — "Didática é a disciplina pedagógica de caráter prático e normativo que tem por objeto específico a técnica do ensino, isto é, a técnica de dirigir e orientar eficazmente os alunos na sua aprendizagem".

Outra definição do distinto pedagogo patricio: — "Didática é o conjunto sistemático de princípios, normas e procedimentos específicos que todo professor deve conhecer e saber aplicar para orientar com segurança seus alunos na aprendizagem das matérias programadas, tendo em vista seus objetivos educativos".

Acrescenta o Professor MATTOS: "a primeira definição serve para distinguir a Didática das demais disciplinas que compõem a moderna Pedagogia. A segunda é descritiva e serve para caracterizar o seu conteúdo específico" (1).

Resumindo, diremos: Didática é a técnica de ensinar. É a direção do trabalho do professor em aula. E como o que importa, no fenômeno educativo, é a aprendizagem da criança, podemos dizer, finalmente, que *Didática é a direção da aprendizagem* (vide mais adiante, § 34).

§ 32) O ENSINO E A APRENDIZAGEM

As anteriores definições de *Didática* giravam sempre em torno dos termos *ensino* e *ensinar*. Acreditava-se que a finalidade da escola era ensinar aos alunos, e a tarefa do professor era "ensinar" a sua classe, de acordo com o "programa de ensino".

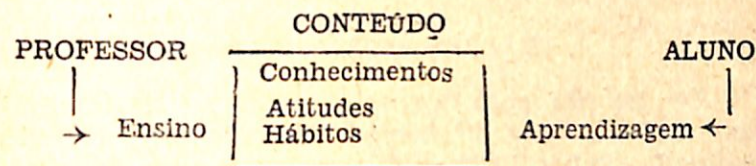
O mestre *ensinava*: os alunos *aprendiam* se quisessem ou se pudessem. A grande finalidade do professor era "dar o programa": se, ao fim do ano, o programa estivesse todo dado, o mestre respirava aliviado: "cumpri com o meu dever!"

Em alguns estabelecimentos de ensino particular, que contratavam seus professores por escrito, uma das cláusulas era que o professor tinha obrigação de "dar o programa todo", sob pena de rescisão do contrato!

Ora, a *revolução educacional* de que nos ocuparemos detidamente no capítulo seguinte, veio proclamar que *a escola é para a criança*, que a escola só existe para as crianças aprenderem, e, como consequência, que o objeto máximo da escola é a *aprendizagem do aluno*.

(1) LUIZ ALVES DE MATTOS — "Sumário de Didática Geral"; Editora Aurora, 3.ª edição, Rio, 1960, pág. 26.

Houve, assim, um deslocamento de ângulo, de ponto de vista: aquilo que olhávamos do ponto de vista do professor, e se chamava *ensino*, passou a ser encarado do ponto de vista do aluno, recebendo o nome de *aprendizagem*.



Assim como um prato apresenta o lado côncavo e o convexo, não sendo possível separar o côncavo do convexo, pois na realidade são uma coisa só, assim também o conteúdo da educação apreciado por um lado é o *ensino* e apreciado por outro lado é a *aprendizagem*, constituindo ensino e aprendizagem dois aspectos de um único fenômeno.

Não é possível separar *ensino* de *aprendizagem*, nem é certo dizer-se "o professor *ensinou*, os alunos é que não aprenderam". Se não houve "aprendizagem" por parte dos alunos não existiu ensino. Houve, da parte do professor, conferências ou palestras ou monólogos ou dissertações, mas não houve ensino.

Portanto, o que existe de importante na escola é a *aprendizagem* do aluno. Pode a escola ter um ótimo prédio, magnífico material didático, grandes "cartazes" no seu corpo docente: tudo isso de nada valerá se seus alunos não tiverem aí uma boa aprendizagem. A mesma coisa se dirá de um hospital: pode possuir grande prédio, equipamento supermoderno, médicos de renome internacinal; mas se os doentes aí internados não ficam bons, então esse hospital não vale nada (salvo, é claro, se forem doentes incuráveis...).